



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
DEPARTAMENTO DE SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA – PPGSC
MESTRADO ACADÊMICO EM SAÚDE COLETIVA

LUZIMARA GOMES MELO

OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA POR *CYBERBULLYING* E INTERAÇÕES
FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES

FEIRA DE SANTANA – BA
2021

LUZIMARA GOMES MELO

**OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA POR *CYBERBULLYING* E INTERAÇÕES
FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Mestrado do Programa
de Pós-graduação em Saúde Coletiva na área de
concentração em Epidemiologia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosely Cabral de
Carvalho

FEIRA DE SANTANA – BA

2021

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado - UEFS

Melo, Luzimara Gomes

M485o Ocorrência da violência por cyberbullying e interações familiares entre adolescentes / Luzimara Gomes Melo. - 2021. 103f.: il.

Orientadora: Rosely Cabral de Carvalho

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 2021.

1. Violência escolar. 2. Cyberbullying. 3. Bullying nas escolas. I. Carvalho, Rosely Cabral de, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 37:301.151.56

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA POR *CYBERBULLYING* E INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (PPGSC) – Mestrado Acadêmico da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), para a obtenção do título de Mestre em Saúde Coletiva.

Área de Concentração: Epidemiologia

Aprovada em _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Dra. Rosely Cabral de Carvalho
Universidade Estadual de Feira de Santana

Prof^a. Titular: Prof^a. Dra. Marta Angélica Iossi Silva

Prof^a. Titular: Prof^a. Dra. Sinara de Lima Souza

FEIRA DE SANTANA – BA

2021

AGRADECIMENTOS

Ao Deus, grande e vivo, minha gratidão pela força concedida para levantar todos os dias em busca de novas oportunidades e da superação das dificuldades na caminhada. Tua luz é guia que nos move pelos trilhos dessa jornada aqui na Terra.

Aos meus pais, Marilene Alves Gomes e Luis Artur Santana Melo (*in memoriam*), razão da minha existência, pelo exemplo, dedicação, força, fé, amor e por acreditarem sempre no meu potencial, incentivando meu crescimento como ser humano e como profissional.

Ao meu irmão, Luiz Artur Gomes, pelo incentivo, apoio e compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu namorado, Jordyr Matheus, um dos presentes que Deus me concedeu no meio desta caminhada, incentivador que me impulsiona sempre a dar o meu melhor na busca pelos meus sonhos. Gratidão pelo apoio e compreensão nos momentos de ausência.

Às minhas primas trigêmeas, Júlia, Isis e Amanda, por aliviarem minha tensão ao longo dessa trajetória. Gratidão por toda troca de carinho, amor e dedicação no cuidado.

À minha avó, Benícia de Jesus, pela paciência e dedicação, e a todos os meus familiares, primos e primas, tios e tias que sempre acreditaram e me incentivaram na busca dos meus objetivos.

À minha orientadora, Rosely Carvalho, gratidão pela pessoa generosa, de coração grande, companheira, amorosa e compreensiva, exemplo de profissional que desejo seguir na minha trajetória acadêmica.

Às minhas amigas, especialmente Cibele Rodrigues que sempre me incentivou e acompanhou meu crescimento mesmo de longe. À Tamires Santos, Rafanielly Alves e Deisyane Vitoria pelas partilhas dos momentos doces e difíceis da vida e do mestrado.

Aos meus colegas de turma, levarei um pedacinho das discussões, reflexões e sorrisos de cada um, principalmente minha amiga Ana Karolina companheira no Núcleo de Pesquisa.

Ao NIEVS que me acolheu com tanto carinho, em especial à professora Sinara de Lima pela atenção, acolhida, compreensão, e por tudo que tem feito por mim desde à graduação, um exemplo de dedicação e amor pelo que faz.

À CAPES pela Bolsa durante os dois anos e meio, incentivo que possibilitou minha dedicação exclusiva ao Mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, desde o porteiro, na figura de seu Raimundo, a funcionária dos serviços gerais, Regina, aos funcionários do colegiado, Jorge e Gorette, pela paciência e incentivo, e a todos os professores e colaboradores convidados pela partilha do conhecimento, aprendizado e reflexões na área de Saúde Coletiva, sobre a docência e a vida.

Aos adolescentes e os pais que autorizaram sua participação nesta pesquisa, minha gratidão pela partilha e reflexões de vida gerada a partir de cada questionário, conversa e ligações. Assim como minha gratidão aos diretores das escolas que abraçaram esta pesquisa e fizeram o possível para que ela tivesse acontecido.

E gratidão a mim pela resiliência, força e coragem para continuar buscando os meus objetivos e por seguir plantando e colhendo os bons frutos e flores do meu jardim, considerando as tempestades e dissabores da vida como momentos de crescimento e aprendizagem para me tornar um ser humano cada dia melhor.

“Bons propósitos diários e treinamento
frequente contribuirão para que alcances
a meta buscada”.

Joanna de Ângelis / Divaldo Franco

RESUMO

MELO, L. G. *Ocorrência da Violência por Cyberbullying e Interações Familiares entre Adolescentes*. [Dissertação]. Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana, Bahia, 2021.

Introdução. A violência escolar se constitui em um fenômeno multifacetado, sendo que situações de exposição à violência podem desencadear problemas de sofrimento mental e comportamental. Nesse cenário, surge o tipo de violência comum ao ambiente escolar denominado *bullying*, apresentando como uma de suas classificações o *cyberbullying*. Este tem como característica distintiva o uso da tecnologia de comunicação e informação, sendo um tipo de violência que acontece no ambiente virtual. Os objetivos da pesquisa foram: analisar a ocorrência da violência por *cyberbullying* e sua associação com as interações familiares entre adolescentes das escolas públicas de um município do interior da Bahia; descrever o perfil dos adolescentes em situação de violência por *cyberbullying* através das características sociodemográficas, destacando as formas e os meios mais utilizados para esse tipo de violência; estimar a prevalência da violência por *cyberbullying*, distinguindo as posições de vítimas e agressores; identificar os fatores de risco e proteção associados às interações familiares e à prática do *cyberbullying* entre adolescentes das escolas públicas; e apresentar um relato de experiência da utilização de questionários *on-line* em pesquisa de violência por *cyberbullying* em adolescentes. **Método.** Estudo quantitativo, descritivo e transversal com adolescentes matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com faixa etária de 10 a 19 anos de idade das escolas públicas de um município do interior da Bahia. A amostra deste estudo foi do tipo não probabilístico por conveniência constituída por 116 adolescentes escolares. Em decorrência do período de pandemia ocasionada pela COVID-19, os dados foram coletados por meio de formulários *on-line*. Foram utilizadas as Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) e o Questionário sobre *Cyberbullying*. Os dados foram analisados no *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*. Foram utilizados os modelos de regressão *Poisson* e binomial negativo para analisar o comportamento em relação às variáveis explicativas da ocorrência de *cyberbullying*. **Resultados.** Foram apresentados em dois artigos. Artigo 1 – Uso de Questionários *online* em pesquisa de violência por *cyberbullying* entre Adolescentes Escolares: relato de uma experiência. A experiência foi marcada pelo contexto da pandemia da COVID-19 quando ocorreu o fechamento das escolas e, consequente, o isolamento social. Os instrumentos de coleta foram transformados em um questionário *on-line* através da plataforma *Google Forms*. Ressaltam-se os benefícios do uso desse tipo de coleta para superar as desvantagens e a importância de estudos do tipo relato de experiência para auxiliar outros pesquisadores, tendo em vista que o uso de ferramentas tecnológicas vem ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas e, consequentemente, no universo acadêmico de pesquisa. Artigo 2 – Ocorrência da Violência por *Cyberbullying* e Interações Familiares entre Adolescentes. O percentual encontrado na amostra foi de 11,2% adolescentes, que sofreram, pelo menos uma vez, o *cyberbullying* nos últimos seis meses anteriores à pesquisa, sendo a maioria masculina. A maioria dos sujeitos, em relação à raça/cor, é parda (48,2%). A média do número de irmãos foi 2±2 irmãos. Quanto ao grau de escolaridade, a maioria das mães e pais dos adolescentes tem como máximo Ensino Médio completo (69% e 71,6%, respectivamente). A respeito da convivência familiar, a maioria convive com os pais e irmãos (36,2%). Com relação a conversar com os pais, a maioria (72,41%) nunca conversou com estes sobre *cyberbullying*. As formas frequentes foram apelido maldoso (58,3%) e fofocas e piadas (33,3%) através das

modalidades mais frequentes via *WhatsApp* (53,8%) e redes sociais (38,5%). Ocorreu associação da comunicação negativa do pai ($p < 0,001$), sendo que a comunicação positiva com outros familiares ($p < 0,022$) e a comunicação positiva da mãe não se mostraram estatisticamente associadas ($p = 0,119$). **Considerações Finais.** O advento da pandemia do coronavírus trouxe intensificação das relações pessoais para o mundo virtual, proporcionando maior exposição dos adolescentes ao *cyberbullying*. Assim, os resultados desta pesquisa devem ser compreendidos neste contexto de isolamento social. O trabalho de pesquisa com uso de questionários *on-line* se justificou pela necessidade de continuidade do estudo diante do isolamento social, viabilizando uma forma de coletar os dados no próprio cenário onde ocorre a violência por *cyberbullying*. O estudo se configura na sua importância como meio para ampliação da discussão no cenário nacional, trazendo a possibilidade de reflexões que permeiam a saúde e a educação na perspectiva de estreitamento das relações interativas adolescentes, escola e familiares, oportunizando o debate e a reflexão para a tomada de decisão no sentido de políticas públicas, que enfatizem a necessidade da proteção de crianças e adolescentes no universo digital.

ABSTRACT

MELO, L. G. *Occurrence of Violence by Cyberbullying and Family Interactions among Adolescents*. [Dissertation]. Postgraduate Program in Collective Health, Feira de Santana State University (UEFS), Feira de Santana, Bahia, 2021.

Introduction. School violence is a multifaceted phenomenon, and situations of exposure to violence can trigger problems of mental and behavioral suffering. In this scenario, the type of violence common to the school environment, called bullying, emerges, presenting cyberbullying as one of its classifications, which has as its distinguishing feature the use of communication and information technology, being a type of violence that happens in the virtual environment. The research objectives were: to analyze the occurrence of violence by cyberbullying and its association with family interactions among adolescents from public schools in a city in the interior of Bahia; describe the profile of adolescents in situations of violence by cyberbullying through sociodemographic characteristics, highlighting the forms and means most used for this type of violence; estimate the prevalence of violence by cyberbullying, distinguishing the positions of victims and aggressors; identify the risk and protective factors associated with family interactions and the practice of cyberbullying among adolescents in public schools; to present an experience report of the use of online questionnaires in research on violence by cyberbullying in adolescents. **Method.** Quantitative, descriptive and cross-sectional study with adolescents enrolled from the 6th to the 9th grade of elementary school, aged between 10 and 19 years old, from public schools in a municipality in the interior of Bahia. The sample of this study was of the non-probabilistic type for convenience, consisting of 116 schoolchildren. Due to the period of pandemic caused by COVID-19, data were collected through online forms. The Family Interaction Quality Scales (EQIF) and the Cyberbullying Questionnaire were used. Data were analyzed using SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) software. Poisson and negative binomial regression models were used to analyze behavior in relation to variables explaining the occurrence of cyberbullying. **Results.** They were presented in two articles. Article 1 Use of Online Questionnaires in Research on Violence by Cyberbullying Among School Adolescents: report of an experience. The experience was marked by the context of the COVID-19 pandemic, when schools were closed and the resulting social isolation occurred, and the collection instruments were transformed into an online questionnaire through the google forms platform. It is noteworthy that the benefits of using this type of collection outweigh the disadvantages and importance of studies of the experience report type to help other researchers, considering that the use of technological tools has been gaining more and more space in people's lives and, consequently in the academic world of research. Article 2 Occurrence of Violence by Cyberbullying and Family Interactions among Adolescents. The percentage found in the sample was 11.2% who suffered at least once cyberbullying in the last six months prior to the survey, with the majority being male. Most of race/brown color 48.2%. The average number of siblings was 2+2 siblings. Most teenagers' mothers and fathers have completed high school at most (69% and 71.6%, respectively). Regarding family life, most live with parents and siblings, 36.2%. Regarding talking to parents, the majority, 72.41%, never talked to their parents about cyberbullying. The most frequent forms were

nasty nickname (58.3%), gossip and jokes (33.3%), through the most frequent modalities via WhatsApp (53.8%) and social networks (38.5%). There was an association between the father's negative communication ($p < 0.001$), with positive communication with other family members ($p < 0.022$) and the mother's positive communication not being statistically associated ($p = 0.119$). **Final considerations.** The advent of the coronavirus pandemic brought an intensification of personal relationships to the virtual world, providing greater exposure of young people to cyberbullying. Thus, the results of this research must be understood in this context of social isolation. The research work using online questionnaires was justified by the need to continue the study in the face of social isolation, enabling a way to collect data in the very scenario in which cyberbullying violence occurs. The study is configured in its importance as a means to expand the discussion on the national scene, bringing the possibility of reflections that permeate health and education in the perspective of strengthening interactive relationships among adolescents, school and families, providing opportunities for debate and reflection for taking decision-making in the sense of public policies that emphasize the need to protect children and adolescents in the digital universe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Literatura: aspectos sobre violência interpessoal, interações familiares e o <i>cyberbullying</i> entre adolescentes	32
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos adolescentes escolares da rede municipal de ensino, Feira de Santana – BA, 2021.....	57
Tabela 2 – Frequência de <i>cyberbullying</i> de acordo com distintos papéis entre os adolescentes escolares da rede pública de ensino, nos últimos seis meses, Feira de Santana – BA, 2021.....	58
Tabela 3 – Tabela de contingência e Teste de <i>Omnibus</i> de comunicação negativa com o pai e vítima <i>cyberbullying</i>	60
Tabela 4 – Testes de efeitos de modelo.....	61
Tabela 5 - Estimativas dos parâmetros do modelo para explicar a ocorrência do <i>cyberbullying</i>	62

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
DP	Desvio Padrão
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EQIF	Escala de Qualidade na Interação Familiar
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
NIEVS	Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidade e Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PeNSE	Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar
PNAD	Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios
PPGSC	Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva
SINAJUVE	Sistema Nacional de Juventude
SEDUC	Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana
SPSS	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TEPT	Transtorno de Estresse Pós-Traumático
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UNESCO	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>
UNICEF	<i>United Nations International Children's Emergency Fund</i>

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OBJETIVOS	20
2.1 Objetivo Geral.....	20
2.2 Objetivos Específicos.....	20
3 REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1 Adolescência: novas perspectivas de desenvolvimento no universo digital	21
3.2 Violência Interpessoal em Escolares: um breve recorte teórico e olhares no contexto da pandemia de COVID-19	24
3.3 Cyberbullying, Ambiente Familiar e a Dinâmica das Interações	26
4 METODOLOGIA	33
4.1 Local e Participantes do Estudo	33
4.2 Amostra	33
4.3 Coleta de Dados e Instrumentos	34
4.4 Variáveis do Estudo	36
4.5 Análise dos Dados.....	36
4.6 Aspectos Éticos	37
5 RESULTADOS	39
5.1 ARTIGO 1 – Uso de Questionários <i>Online</i> em pesquisa de violência por <i>cyberbullying</i> em Adolescentes Escolares: relato de uma experiência	39
5.2 ARTIGO 2 – Ocorrência da Violência por <i>Cyberbullying</i> e Interações Familiares entre Adolescentes.....	50
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76
APÊNDICES	86
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	87
APÊNDICE B – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)	88
ANEXOS	89
ANEXO A – Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF)	90
ANEXO B – Instrumento para Coleta de Dados sobre <i>Cyberbullying</i>	91
ANEXO C – Instrumento de Coleta de Dados sobre <i>Cyberbullying</i> (adaptado de Nobre, 2018). Formato de Questionário <i>On-line</i>.....	96

ANEXO D-Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana	
.....	98
ANEXO E-Parecer Consubstanciado do CEP.....	100

1 INTRODUÇÃO

A violência escolar se constitui em um fenômeno multifacetado com agressões físicas e verbais entre alunos e professores, entre alunos e alunos, entre outros membros da instituição e contra o patrimônio escolar, refletindo uma violência que desvaloriza a escola, o professor e o processo educativo (LISBOA; EBERT, 2012).

Nessa perspectiva e no contexto de problema de saúde pública, trabalhar essa violência escolar em seus diferentes tipos e formas de enfrentamento se trata de um compromisso apresentado nos novos objetivos e metas para o alcance do desenvolvimento sustentável global constante na Agenda 2030, lançada em 2015 pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Nesse plano de ação de caráter universal, cabe aos países, de forma soberana, ajustar essas diretrizes e seus mecanismos de implementação ao contexto nacional, e implementar estratégias de política de proteção em cinco princípios orientadores: Pessoas, Planeta, Prosperidade, Paz e Parcerias (5P). Destaca-se, nessa estratégia de política para o desenvolvimento inclusivo, sustentável e de justiça social, o quarto objetivo ligado à educação de qualidade com a determinação da garantia de que todos os alunos adquiram conhecimentos e habilidades voltadas para a promoção de uma cultura de paz e não violência, além de outros aspectos relacionados ao acesso à educação inclusiva e de qualidade (ONU, 2015).

A violência, de modo geral, é o resultado de uma complexa interação entre fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais. A Organização Mundial da Saúde (OMS), no “Relatório mundial sobre violência e saúde”, a define como forma efetiva ou de ameaça de força física e que pode causar morte, danos físico e psicológico, perturbação do desenvolvimento ou privação. Três tipologias de violência podem ser manifestadas: a dirigida a si mesmo (autoinfligida), a interpessoal e a coletiva, podendo ser de natureza física, sexual ou psicológica e envolvendo privação ou negligência (KRUG *et al.*, 2002).

Dentre as formas de violência, o *bullying* é uma violência interpessoal, que acontece com predomínio no ambiente escolar; uma agressão sistemática, persistente, tanto física e/ou psicológica, ocorrendo sem motivação evidente, praticada por um indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas. Ocorre para intimidar, agredir, magoar, humilhar ou discriminar, causando dor e angústia à vítima. Constitui-se, portanto, em um desequilíbrio de poder entre as partes (BRASIL, 2015).

Nesse cenário, existem três elementos-chave para definir e diferenciar o *bullying* das outras formas de violência entre pares: a persistência do ato agressivo (verbal, físico ou

virtual), o desequilíbrio de poder entre as partes com a existência de autopercepção de inferioridade da vítima e a intencionalidade do ato agressivo (FELIX *et al.*, 2011; SANTOS; FARO, 2018).

Dentre esses aspectos, são evidenciadas as classificações para o *bullying* quanto à natureza das agressões, as quais podem ser físicas (agressões, chutes e/ou socos), verbal (xingamentos, insultos e/ou apelidos maldosos), relacional ou social (perturbam o relacionamento social da vítima com os colegas) e eletrônica (ocorre eletronicamente, denominada *cyberbullying*) (BERGER, 2007; SANTOS; FARO, 2018).

As redes sociais e o avanço das mídias digitais impulsionaram um espaço virtual entre pessoas e imagens como um lugar, a vida na *web* de experiências e vivências, onde a conexão e o compartilhamento do modo de pensar, viver e agir se tornou cada vez mais frequente e no qual as crianças e adolescentes se conectam cada vez mais cedo por fazerem parte dessa geração pós-moderna.

Crianças e adolescentes são vistos como os “nativos digitais”: nasceram e cresceram em meio ao uso das tecnologias da informação e comunicação, especialmente as digitais (*smartphone*, *pen drive*, televisão digital, *internet* sem fio etc.), o que ocasionou mudanças nas interações sociais desses indivíduos. Em contrapartida, muitos pais e professores são considerados imigrantes digitais por possuírem um acesso tardio a essas tecnologias, necessitando passar por um processo de adaptação (COELHO; COSTA; MATTAR NETO, 2018). Dessa forma, não compartilham do conhecimento sobre esse mundo digital e o modo dos adolescentes expressarem a sua identidade. Consequentemente, o relacionamento *on-line* com utilização de *sites*, aplicativos e redes sociais soa estranho para aqueles que demonstram preocupação com sua utilização em casa e na escola, sendo que grande parte ainda não sabe como lidar com essa questão (WENDT; LISBOA, 2013; COELHO *et al.*, 2018).

Nesse contexto, o *cyberbullying* se constitui em uma violência que não acontece face a face, apresentando como característica distintiva o uso da tecnologia de comunicação e informação, o que cria uma falácia de não identificação do agressor, levando a um sentimento de encorajamento para sua realização. Além disso, ocasiona maior alcance do ato violento, pois ultrapassa o limite do tempo e do espaço físico da escola, do lar e da realidade (FREIRE *et al.*, 2013; WENDT; LISBOA, 2014; NOBRE, 2018).

Soma-se a esse aspecto um risco maior de desenvolvimento de problemas psicológicos, maior impacto emocional, depressão, obsessão, compulsão, sensação de medo e tristeza. É um fenômeno associado ao sofrimento daqueles que são vitimados (CAETANO *et al.*, 2016; REDONDO *et al.*, 2017).

Além disso, dados da pesquisa de Caetano *et al.* (2016) apontam a existência da dificuldade de os agressores apresentarem um comportamento empático e de perceberem as consequências negativas de seus atos. Nessa perspectiva, no ambiente virtual, os agressores não compartilham as reações nem sentimentos ao vivenciarem a agressão, diminuindo a sensibilidade ao sofrimento.

A problemática do *cyberbullying* é crescente em todo o mundo. No entanto, segundo o relatório da *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO, 2017) *School Violence and Bullying Global Status Report*, a maioria das pesquisas sobre a prevalência dessa temática é conduzida nos países industrializados, gerando dados da proporção de crianças e adolescentes afetados em 5% a 21%, sendo as meninas mais propensas ao *cyberbullying*. Com isso, esse relatório aponta a importância de outros países estarem atentos para o monitoramento e implementação de medidas para sua prevenção e formas de enfrentamento.

Estudo realizado em Lima, no Peru, constatou uma frequência na ocorrência do *cyberbullying* entre alunos do quinto ano da série primária e do Ensino Médio de escolas públicas e privadas de 27,7%, sendo a maioria das vítimas do sexo feminino e ocorrendo maior frequência em instituições privadas e por meio da *internet* do que pelo celular. Ademais, os autores relatam que a velocidade e familiaridade do uso da *internet* vem se transformando em instrumentos de agressão (OLIVEIROS *et al.*, 2012).

Vale destacar que, em um estudo realizado no Brasil, Abramovay *et al.* (2016) obtiveram uma prevalência de 26,5% e 22,8%, respectivamente, de jovens que sofreram e praticaram o *cyberbullying*, no município de Salvador, capital da Bahia (BA), nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa.

Atualmente, o *bullying* e o *cyberbullying* são duas formas de violência entre pares, intrínsecas ao ambiente escolar, podendo acarretar consequências para o desenvolvimento escolar e na vida dos adolescentes. Essas violências extrapolam os muros da escola e sobrepõem a família, primeiro núcleo de aprendizagem e desenvolvimento humano. Sob essa ótica, a interação dos pais com os filhos delimita a necessidade de conhecer e enfrentar esse problema.

Outra conexão importante para a compreensão dessas violências são os estudos de Sarti (2004) sobre a família em sua dimensão simbólica de aprendizado da comunicação e das experiências dos filhos, filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Nesse contexto, o ambiente escolar não pode ser considerado isoladamente, uma vez que a família está imbricada na reprodução da violência, na formação e na vida dos adolescentes, sendo a

relação, as atitudes e as ações dos pais/responsáveis fundamentais para o desenvolvimento dos filhos.

O olhar voltado para o ambiente familiar e as interações que ocorrem no seu meio são imprescindíveis para auxiliar na compreensão dos diversos aspectos que abrangem o desenvolvimento infantil e adolescente. Constituindo o primeiro núcleo social, é nesse âmbito que acontecem as primeiras experiências de socialização de um indivíduo sem negligenciar os outros sistemas envolvidos nesse processo, mas reafirmando seu fator preponderante na trajetória do desenvolvimento.

Diante disso, as relações e interações familiares se constituem no meio principal para fornecer informações sobre o comportamento das crianças e adolescentes, os quais podem se caracterizar como adequados ou não, levando a fatores de risco ou de proteção, a depender do fenômeno a ser estudado. Pesquisas sobre estilos parentais e práticas educativas concluem que esse relacionamento contribui para a construção do repertório comportamental dos filhos (WEBER; SALVADOR; BRANDENBURG, 2009).

Assim, as interações familiares apontam para o envolvimento de aspectos referentes a comportamentos de autoridade, emocionais e afetivos e práticas de envolvimento, regras e monitoria, comunicação dos pais com os filhos, o clima conjugal familiar, o modelo parental, os sentimentos dos filhos em relação a seus pais e a punição corporal. Dessa maneira, entender a dinâmica dessas relações evidencia a qualidade dessas interações, revelando como podem se constituir em fatores preponderantes nas práticas de violência no ambiente escolar, como o *bullying* e a modalidade de violência, originada do acesso cada vez mais fácil e rápido da *internet*, o *cyberbullying*, por parte dos adolescentes (WEBER *et al.*, 2008; WEBER *et al.*, 2009; OLIVEIRA, 2017).

Desse modo, constata-se as lacunas de pesquisas relacionadas ao *cyberbullying* e a necessidade de estudos que abordem a temática, tendo em vista sua relevância para a maior compreensão sobre seus aspectos, principalmente os relacionados à área da educação e da saúde. Essa forma de violência tem uma importância na atualidade, considerando que a maioria dos adolescentes passa uma parte considerável do seu tempo no ambiente virtual convivendo com outros de diferentes culturas, opiniões, crenças e valores.

De acordo com o contexto, a adolescência será considerada com o olhar apoiado nessa teoria, para a qual o desenvolvimento humano é um processo de interação entre a pessoa e seu contexto, a partir de níveis de interação mais complexos presentes em seu ambiente, conforme uma interação sinérgica destes, ocorrendo uma mudança duradoura na maneira pela qual uma pessoa percebe e lida com o seu ambiente. Assim, “a pessoa em desenvolvimento não é

considerada uma tábula rasa, mas uma entidade dinâmica que de forma progressiva penetra no meio em que reside e o reestrutura” (BRONFENBRENNER, 1996, p. 18).

A motivação e o despertar para o estudo dessa problemática também se justificam a partir da inserção como voluntária no Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidade e Saúde (NIEVS) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) através de discussões e estudos voltados aos grupos vulneráveis da população; além de reflexões que possibilitaram um novo olhar para a adolescência, não meramente como um período de transição entre o ser criança e o adulto, mas como uma maneira particular de interação do indivíduo em crescimento e desenvolvimento.

A revisão de literatura nas bases de dados BVS, SciELO e CAPES revelaram uma lacuna quanto ao tema abordado nos descritores *cyberbullying* e relações familiares, e seus correlatos em inglês e espanhol. A BVS retornou um total de 98 artigos. Após leituras dos resumos, foram selecionados 19; destes, apenas sete abordam as relações familiares relacionadas especificamente ao *cyberbullying*.

Frente a essa perspectiva, a pesquisa proposta contribuirá para melhor compreender o papel dos pais nesse contexto de violência virtual, possibilitando o conhecimento da qualidade das interações familiares e o envolvimento e sofrimento dos adolescentes que praticam e sofrem o *cyberbullying*. Ademais, poderá auxiliar no fomento de políticas públicas, tanto na área da educação quanto da saúde, que favoreçam o planejamento para prevenção e intervenção intersetorial, por meio do conhecimento dos fatores de risco e proteção associados ao *cyberbullying*.

Diante desses aspectos, surgiram as seguintes perguntas de investigação: qual a frequência e distribuição do *cyberbullying* entre adolescentes de escolas públicas de um município do interior da Bahia? E quais fatores estão associados à ocorrência do *cyberbullying* em adolescentes vítimas relacionados às interações familiares?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Analisar a ocorrência da violência por *cyberbullying* e sua associação com as interações familiares entre adolescentes das escolas públicas de um município do interior da Bahia.

2.2 Objetivos Específicos

Apresentar um relato de experiência da utilização de questionários *on-line* em pesquisa de violência por *cyberbullying* em adolescentes escolares;

Descrever o perfil dos adolescentes em situação de violência por *cyberbullying* através das características sociodemográficas, destacando as formas e os meios mais utilizados para esse tipo de violência;

Estimar a frequência de ocorrência da violência por *cyberbullying*, distinguindo as posições de vítimas e agressores;

Identificar os fatores de risco e proteção associados às interações familiares e à ocorrência de casos da prática do *cyberbullying* entre adolescentes das escolas públicas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Adolescência: novas perspectivas de desenvolvimento no universo digital

Entender o período da adolescência, a partir de um olhar diferenciado, do qual muito se ouviu falar, é um desafio. Os adolescentes são influenciados diretamente pelo meio social, sendo necessário um olhar para além dos aspectos biológicos, mas ampliado para o contexto de desenvolvimento em que esse indivíduo se encontra.

Deixar de lado conceitos amplamente difundidos de que essa é uma fase apenas de transição para a vida adulta e tratá-la como uma etapa do desenvolvimento humano, assim como é ser criança, ser adulto e ser idoso, constitui um caminho para a melhor compreensão desse período da vida, tanto para os pais e profissionais de saúde e da educação quanto para os próprios adolescentes, desmistificando a ideia de uma época de espera para o futuro e a idade adulta (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012a).

Ninguém trata a fase adulta como um período de transição para a velhice. Então, por que não deixar de lado essa palavra (transição) enraizada nos diversos conceitos difundidos sobre a adolescência?

A palavra adolescência vem do latim *adolescencia*, de *adolescere*, que significa crescer para (*ad*: para *olescere*: aumentar, crescer). Dessa forma, a origem da própria palavra remete para conceber como um estágio que não é mais criança e ainda não é adulto, como se fosse um prazo que a sociedade permite ao indivíduo para ele escolher um caminho, uma carreira, e assumir uma identidade. Porém, ao analisar a importância para o desenvolvimento, a noção de estágio intermediário pode ser facilmente substituída por estágio propriamente dito (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012a).

No Brasil, os marcadores etários para criança, adolescência e juventude são fixados por diferentes aspectos. O Ministério da Saúde define, com base na OMS, a adolescência como sendo a faixa etária compreendida entre 10 e 19 anos, 11 meses e 29 dias. A juventude é a população entre 15 e 24 anos. Além disso, ainda adota o termo pessoas jovens para se referir a esse conjunto; ou seja, o período compreendido entre 10 e 24 anos (BRASIL, 2010). Em contrapartida, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), marco legal para a proteção às crianças e adolescentes, considera criança até 12 anos de idade incompletos e adolescentes entre 12 e 18 anos (BRASIL, 1990).

Entretanto, o Estatuto da Juventude, que dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, e o Sistema Nacional de Juventude

(SINAJUVE) considera jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2013). Além disso, ainda ocorre a divisão entre adolescentes-jovens, compreendida entre 15 e 17 anos; jovens-jovens, dos 18 aos 24 anos; e jovens-adultos dos 25 aos 29 anos. Portanto, considerando todas as faixas etárias definidas, compreende-se que ocorre uma intersecção entre adolescência e juventude (BRASIL, 2010; BRASIL, 2017). Todavia, existem divergências entre definições e conceitos da saúde e do direito.

As definições etárias para esse período são importantes do ponto de vista do desenvolvimento e das políticas públicas de educação e saúde assim como para o estabelecimento de direitos. No entanto, o principal foco é compreender esse conceito para além do marco de crescimento e fortalecer o entendimento dos outros aspectos envolvidos no ser adolescente. Constitui-se em um momento da independência, da conquista, da socialização e de valores morais contrapondo-se ao controle exercido pelos membros da família. Dessa forma, ocorre o afastamento dos pais, do controle, da aceitação e da imposição familiar (CEREZO *et al.*, 2018).

Além de uma influência maior de seus pares e do distanciamento normal da família, os adolescentes, hoje, são influenciados pelo universo tecnológico. A *internet* se constitui em um espaço privilegiado de socialização e entretenimento, que faz parte do seu cotidiano, através do uso de redes sociais, troca de mensagens eletrônicas e exposições de fotos *on-line*, principalmente com o advento da massificação dos celulares com câmera fotográfica (VIVEIRO *et al.*, 2014).

A tecnologia vem modificando o convívio social e familiar a partir do momento em que se torna fator indispensável, participando de toda situação e contexto na vida dos indivíduos, numa progressão que leva a confundir os limites do mundo real, transformando os comportamentos e hábitos sociais, particularmente dos adolescentes (SILVA; SILVA, 2017).

Durante a adolescência, ocorre a ampliação do convívio social. A múltipla interação com os pares faz com que ocorra a busca de pertencimento a um grupo de amigos próximos, seja da escola, do lazer ou do esporte entre outros, levando-os a um esforço para se adaptarem às normas e costumes daquele grupo. Dessa forma, essa maior interação favorece o sentimento de pertencimento ao grupo e de integração no mundo e na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do ser social (SILVA; SILVA, 2017; FONTE, 2008).

Os adolescentes participam de vários grupos sociais, que, de algum modo, influenciam em seus comportamentos e na maneira de se colocarem no mundo. A similaridade e a aproximação de interesses comuns para com seus pares possibilitam que se sintam seguros e

favorecem a autoestima, ocorrendo um processo de identificação que os adolescentes tanto buscam.

Nessa perspectiva, pode-se observar as redes sociais altamente propícias para a identificação em massa com um turbilhão de ideias compartilhadas, gírias e bordões específicos. É uma comunicação virtual que constitui fator preponderante para reafirmar características da adolescência como sentimento de pertencimento ao grupo e diminuição do tempo de espera de resposta (BANDEIRA, 2014).

No mundo virtual, os adolescentes têm a percepção de que nunca estão sozinhos e infelizes, e estão sempre acessando seus amigos virtuais e compartilhando informações (SILVA; SILVA, 2017). Dessa forma, o convívio social é substituído por trocas de conversas com mensagens instantâneas, *chats* e redes sociais, levando ao surgimento de uma nova cultura em que a interação normalmente acontece por meios eletrônicos (FONTE, 2008).

Porém, os contatos pessoais se tornam superficiais e criam uma falsa intimidade sem construção de relações fortes. É a quantidade de conexões e não a qualidade o que importa, pois isso possibilita se manter atualizado sobre o que todos estão falando e as escolhas do momento, como as músicas mais ouvidas, a camiseta da moda e os eventos mais comentados (FONTE, 2008; BANDEIRA, 2014).

Nesse contexto, pode-se refletir que o uso da tecnologia da informação e comunicação juntamente com a ampliação da *internet* e seu acesso mais difundido na sociedade contemporânea trouxeram consigo uma nova forma de agregação entre os adolescentes, uma vez que estes acabam se comunicando e pertencendo a grupos virtuais. Entretanto, nesse contexto tem ocorrido uma nova forma de violência interpessoal.

Diante desses aspectos, a construção da identidade e a socialização com interiorização das regras, normas e referências sociais juntamente com todas as transformações corporais, cognitivas, sociais e sexuais fazem com que a adolescência corresponda a uma fase crucial para o desenvolvimento da identidade pessoal (representação que temos de nós mesmos), a qual evolui em contato com a realidade, estendendo-se durante toda a vida. O contexto se constitui em um fator preponderante para o desenvolvimento, por isso os adolescentes de hoje são diferentes dos da década passada e daqueles que foram seus pais e avós (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012a).

Assim, os adolescentes convivem com diversos fatores que influenciam no seu desenvolvimento e interação. A *internet* vem trazendo uma perspectiva de novas formas de agregação na adolescência, que, antes, almejavam se sentir pertencentes a um determinado

grupo social e, atualmente, convivem com o universo virtual e suas comunidades, aplicativos, seguidores, compartilhamentos e grupos de mensagens instantâneas.

Ademais, não adianta fortalecer o discurso de que é a época mais conturbada da vida, de conflitos e de transição para a idade adulta, além do pensamento inflexível de muitos pais e responsáveis de que “na minha época não era assim”. É preciso perceber as mudanças que estão postas atualmente na sociedade, escutar os adolescentes e oferecer apoio para que possam lidar da melhor forma com todas as mudanças ocorridas nesse período do desenvolvimento humano.

3.2 Violência Interpessoal em Escolares: um breve recorte teórico e olhares no contexto da pandemia de COVID-19

A violência em meio aos escolares é compreendida dentro da classificação de violência interpessoal, mais especificamente na subcategoria da violência comunitária, sendo aquela que ocorre entre pessoas sem laços de parentesco, geralmente fora de casa. Jovens violentos tendem a apresentar uma série de outros problemas que vão além dos atos violentos em si, como abandono escolar, abuso de substâncias psicoativas, vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis e direção imprudente (KRUG *et al.*, 2002).

Nesse contexto, encontra-se no ambiente escolar o cenário onde adolescentes tendem a praticar, vivenciar e sofrer atos violentos. Carvalho *et al.* (2019), ao trabalharem dados sobre o perfil dos adolescentes mais vulneráveis para a violência em escolas municipais de um município do interior da Bahia, salientaram que 84% dos escolares referiram terem sido maltratados alguma vez no ambiente escolar e 92% foram testemunhas de maus-tratos, sendo que, destas, 50,4% ocorreram na escola e 33,3% foram agressões entre colegas.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE, 2016) revelaram que o percentual de escolares frequentando o 9º ano do Ensino Fundamental que informaram situações de insegurança, violência física ou psicológica, nos 30 dias anteriores à pesquisa, e que estiveram envolvidos em brigas nas quais ao menos um dos envolvidos usou arma branca foi de 10,6% para meninos e 5,4% para meninas. Sobre os que sofreram *bullying* na maior parte das vezes ou sempre, esse percentual foi de 7,6% e 7,2%, respectivamente (PeNSE, 2016).

O espaço escolar se constitui em um ambiente de aprendizagem e desenvolvimento da personalidade. Por isso, trabalhar a violência nesse âmbito merece destaque tendo em vista

que ela se apoia na construção da identidade e cidadania das crianças e adolescentes (SANTANA *et al.*, 2019).

Dessa forma, a influência do ambiente no desenvolvimento do indivíduo é aspecto crucial para a formação tanto ética e cidadã quanto determinada por processos fisiológicos. É notório que as relações estabelecidas na família são pontos importantes, porém é no ambiente escolar que se iniciam os primeiros contatos das crianças com seus pares. Isso determina um processo de geração de reconhecimento, conceitos e pré-conceitos em relação ao outro bem como o estabelecimento de relações que vão moldando e estruturando o indivíduo em desenvolvimento.

Portanto, para analisar os diversos fatores da violência interpessoal, a qual perpassa pela escolar e entre pares, não se discute apenas com um olhar para o individual o agressor ou a vítima, mas nos aspectos mais amplos envolvidos nesse processo de interação.

Desse modo, a OMS, para compreender o fenômeno multifacetado da violência, a divide em níveis contemplando aspectos como características individuais, fatores biológicos e história pessoal, enfatiza as relações com companheiros, parceiros íntimos e família, além de envolver o contexto comunitário no qual estão inseridas as relações sociais da escola, locais de trabalho e o próprio bairro, como também fatores gerais da sociedade que influenciam o comportamento. As características desses cenários e suas relações podem influenciar o indivíduo a ter comportamentos agressivos ou a ser vítima (DAHLBERG; KRUG, 2007).

Nesse contexto, a pandemia ocasionada pela COVID-19, iniciada no ano de 2020, mudou o comportamento dos indivíduos influenciando a vida de todas as pessoas em todos os níveis. O isolamento social, o medo, as incertezas e o afastamento dos pares associados à pandemia favorecem o desencadeamento ou a exacerbação da violência contra mulheres e crianças. Em meados de março de 2020, já havia relatórios indicando um aumento dessa violência na Austrália, Brasil, China e Estados Unidos da América (EUA). Assim, situações de quarentena forçada aumentam a exposição aos perpetradores gerando ambientes com intenso estresse físico e psicológico com liberdade e privacidade diminuídas (PETERMAN *et al.*, 2020).

No contexto da violência digital, não é diferente. A pandemia aumentou as interconexões na rede colocando a tecnologia emergente, o trabalho remoto e as aulas *on-line* em seu centro. Dessa maneira, as crianças e adolescentes, ao utilizarem plataformas e aplicativos que exigem a interação por meio de mensagens *on-line*, acabam por se conectarem mais com seus pares, e o risco de sofrer *cyberbullying* aumenta. Análise de dados da rede social *Twitter* demonstrou aumento das postagens com conteúdo abusivo durante as restrições

da pandemia, com crescimento significativo em 2020 na Indonésia, Filipinas, Portugal e Brasil em mais de 30% em comparação com 2019 (BABVEY *et al.*, 2021).

Nesse cenário, a violência interpessoal, que deveria ocorrer fora de casa a partir das restrições impostas pelo COVID-19, transfere-se de forma exacerbada para um ambiente quase impossível de controlar. Nesse sentido, mesmo estando “protegido” das ameaças de contaminação do vírus, não há proteção contra as postagens e conteúdos agressivos, criando aumento na tensão, medo e angústia de quem sofre a violência digital.

3.3 Cyberbullying, Ambiente Familiar e a Dinâmica das Interações

A escola é um lugar primordial de socialização e reflexão sobre as questões sociais e relacionais, em particular a violência e suas diferentes manifestações, assim como para discussão das formas de prevenção e das repercussões no desenvolvimento da criança e do adolescente. Isso possibilita formação de qualidade nos valores dos direitos humanos, igualdade de gênero, promoção de uma cultura de paz e não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável (ONU, 2015).

Nas pesquisas realizadas por Williams *et al.* (2011), os resultados apresentados chamam atenção para a questão da vitimização de estudantes universitários na identificação dos piores eventos vivenciados na época escolar. Os autores verificaram o aumento da vulnerabilidade para o desenvolvimento de sintomas indicativos de Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT). Esses resultados apontam que uma vivência escolar negativa (agressões físicas, verbais e relacionais) entre pares está associada aos sentimentos de nervosismo, raiva, isolamento do agressor, tristeza, pensamentos intrusivos, solidão e alerta constante, manifestando-se no futuro com impacto na saúde mental dos estudantes. Patias, Silva e Dell’Aglia (2016) corroboram que situações de exposição à violência podem estar associadas, principalmente, ao TEPT, a transtornos de ansiedade, de humor e de personalidade e, em especial, à depressão.

Na sociedade contemporânea, um novo ambiente que vem se tornando cada vez mais propício para a ocorrência da violência é o virtual. É como uma extensão do *bullying*, pois carrega traços semelhantes, como ser sistemático e persistente, desequilíbrio de poder e ser intencional, porém não apresenta um espaço definido por muros. As interconexões e suas interfaces de comunicação das redes de acesso à *internet* determinam a extensão e o alcance

dessa violência que acontece por pares e, também, é característica de uma violência interpessoal.

Portanto, o acesso mais difundido do uso tecnológico das mídias digitais entre os adolescentes favoreceu que a vitimização face a face praticada nas escolas ganhasse esse mundo. No entanto, pode ser uma realidade em que muitos não percebem os possíveis riscos associados ao uso da *internet*. Cárdenas, Rojas-Solís e García-Sánchez (2018), em seu estudo com uma amostra de 456 estudantes de universidades mexicanas, com idades entre 17 e 30 anos, identificaram que 25,88% dos participantes parecem não identificar os problemas/riscos.

Dados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD, 2016) mostram que os jovens são os que obtiveram os maiores percentuais de usuários de *internet* com 82,0% e 82,9%, nas idades de 15 a 17 anos e de 18 a 19 anos, respectivamente. A pesquisa, também, mostrou que existe crescimento no número de internautas e que, embora o total de moradores com acesso à *internet* tenha aumentado, foi a primeira vez que se observou redução no total de domicílios com microcomputador com acesso à *internet* em consequência do acesso por outros equipamentos móveis e em outros locais.

Diante desse aspecto, os adolescentes, no processo de descoberta da identidade, ao se conectarem, acabam sendo fortemente influenciados pelos padrões da rede. Nessas relações digitais, ocorre a redefinição de dinâmicas sociais, nas quais os indivíduos precisam estar sempre conectados nas novas tecnologias independentemente da localização geográfica, do tempo e da quantidade de pessoas vinculadas à sua rede (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Diferentemente das agressões que ocorrem intramuros escolares, em que as vítimas podem prever o momento de ocorrência do evento, como horário do recreio e saída da escola, o *cyberbullying* acontece no espaço difundido e alcançado por todos que têm acesso à *internet* culminando em diferentes formas de acometimento como *namecalling* (apelidar de modo rude), *fakenames* (fingir ser a outra pessoa *on-line* e comunicar informações negativas ou inapropriadas com outras pessoas), *sexting* (postar e/ou compartilhar imagens e vídeos íntimos sem consentimento), imagem e/ou vídeos enviados com intuito de causar dano, perseguição cibernética ou *cyber-stalking* (perseguir outra pessoa enviando comunicações ameaçadoras e repetitivas), roubar senhas, excluir de um grupo *on-line* de forma intencional e espalhar fofocas atingindo mais os aspectos emocionais (FERREIRA; DESLANDES, 2018; WENDT; LISBOA, 2014; KOWALSKI *et al.*, 2014).

Dessa forma, não fere fisicamente a pessoa, mas é praticado através de diversas modalidades (FERREIRA; DESLANDES, 2018; MAZARI, 2013), referindo-se aos meios mais utilizados, como: mensagem de texto via celular; chamada telefônica; e-mail

(modalidade mais desatualizada); *chat room bullying* através das salas de bate-papos (também desatualizada); mensagens instantâneas (*WhatsApp*); *websites*; *sites* pessoais; redes sociais e jogos *on-line* (SUZUKI *et al.*, 2012; MAZARI, 2013; KOWALSKI *et al.*, 2014; FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Dentro dessa dinâmica, existe a diferenciação de papéis distinguindo as posições de perpetradores, acometidos e espectadores. Os primeiros são, também, denominados de os *cyberbullies*, os que praticam o ato de forma impulsiva e dissimulada. Os acometidos são as vítimas ou ciber-vítimas, que sofrem a agressão e que, na maioria das vezes, possuem pequeno poder de defesa. Já os espectadores são os que assistem e compartilham o conteúdo, portanto não sofrem e nem praticam e podem ou não denunciar e buscar ajuda, existindo ainda dentro desse papel os que podem reforçar a agressão (SCHREIBER; ANTUNES, 2015; FERREIRA; DESLANDES, 2018; MAZARI, 2013). Nessa perspectiva, pode-se refletir que, dentro da dinâmica do *cyberbullying*, ainda pode existir o perpetrador, ou seja, aquele que compartilha, não sendo necessariamente o que iniciou a agressão virtual.

Outro aspecto apontado é que no *bullying* o agressor pode limitar sua ação em relação à reação da vítima. Todavia, no espaço virtual, ele não presencia essa reação e fica mais “livre” para agir sem pensar ou verificar como o outro se comportará diante do fato. Isso revela até mesmo as consequências de um ser em formação, que passa a não reconhecer o sentimento de empatia, o que, segundo Wendt e Lisboa (2013), pode oferecer aos jovens o risco de um déficit no desenvolvimento de sua capacidade empática.

O estudo realizado por Abramovay *et al.* (2016), com 6.709 alunos dos últimos anos do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA) em escolas de sete capitais brasileiras (Belém, Belo Horizonte, Fortaleza, Maceió, Salvador, São Luís e Vitória), revelou que, nos últimos 12 meses anteriores à pesquisa, a distribuição de jovens que disseram ter sofrido *cyberbullying* foi de 27,7% e de terem cometido foi de 31,2%. Os dados quantitativos demonstraram que foi a agressão mais citada no estudo, o que aponta para uma nova perspectiva em pesquisas que abordam a temática dessa violência interpessoal entre os jovens, lacuna importante nos estudos no Brasil.

Nobre (2018) destaca, em sua pesquisa mais recente sobre violência interpessoal em escolares de Fortaleza com idades de 10 e 11 anos, cursando o 5º e o 6º anos do ensino público, que ocorreu uma prevalência de 6,3% e 11,4% das crianças que alegaram já terem praticado e sofrido *cyberbullying*, respectivamente, sendo as redes sociais o meio mais utilizado. Ressalta-se que, nesse estudo, o recorte temporal foi nas duas últimas semanas anteriores à pesquisa.

Analisando os correlatos de *bullying* e o *cyberbullying* entre 7.533 adolescentes com média de idade de 14,33 (Desvio Padrão (DP) = 1,38) anos em escolas públicas e privadas dos EUA, Hong *et al.* (2016) verificaram diferenças em alguns aspectos desses dois tipos de vitimização. Em relação ao sexo, encontrou que meninos sofrem mais com *bullying* e as meninas foram vítimas mais frequentes do *cyberbullying*. A amostra afro-americana obteve maior probabilidade de sofrer vitimização via ciberespaço bem como os adolescentes com menor nível socioeconômico familiar. Os adolescentes que relataram satisfação familiar são menos propensos a serem vitimizados pessoalmente, mas sem relação com o *cyberbullying*.

Outros aspectos ainda abordados por esses autores demonstraram que passar algum tempo com seus amigos, telefonar e enviar mensagens estão relacionados a um menor risco de vitimização pessoal, mas não ao domínio dessa violência. Os adolescentes com sentimentos positivos sobre a escola e que têm o apoio dos colegas dentro da escola correm menor risco de *bullying* e *cyberbullying*. O sentimento de pressão pelo trabalho escolar aumenta o risco de sofrerem a vitimização face a face. No entanto, em relação ao *cyberbullying*, os adolescentes que passaram mais tempo usando as mídias sociais estavam em maior risco para esse tipo de vitimização (HONG *et al.*, 2016).

Assim, a presença dessa nova forma de violência que acontece no meio virtual, porém ainda relacionada a um tipo de *bullying*, pode apresentar algumas particularidades. Entretanto, percebe-se a existência de estudos internacionais específicos sobre essa temática, mas a produção nacional ainda é incipiente.

A vitimização que ocorre no espaço virtual acaba gerando consequências sociais e problemas de saúde mental. Existem evidências da sua relação com problemas de ansiedade, depressão, automutilação, ideação suicida e tentativa de suicídio, brigas, vandalismo e uso/abuso de substâncias como o álcool, drogas e medicamentos por adolescentes (ELGAR *et al.*, 2014).

Cerca de 11,9% dos adolescentes que fizeram parte da amostra de um estudo em Hong Kong relataram ter sofrido *cyberbullying* nos últimos 12 meses e 21,8% tiveram ideação suicida (CHANG *et al.*, 2019). Ao ajustarem os dados em relação ao sexo, o risco de ideação suicida foi 2,48 vezes maior do que entre os adolescentes sem sofrer *cyberbullying*. Esses resultados, também, apontam que essa associação é parcialmente mitigada após a inclusão da satisfação geral com a vida, compreendendo a familiar, com colegas de classe e resultados escolares, sendo que a primeira é responsável pelo maior efeito indireto.

Além da ideação suicida, Elgar *et al.* (2014) constataram, em seu estudo com uma amostra de 18.834 adolescentes de um Estado do oeste dos EUA, que o episódio depressivo

foi o problema de saúde mental mais relatado, encontrado em 18,9% da amostra. Os resultados, também, mostraram que 18,6% haviam sofrido *cyberbullying* pelo menos uma vez nos últimos 12 meses e 2,2% relataram que a vitimização foi frequente.

Nesse contexto, a família e a escola se constituem em pontos fortes de apoio para reduzir os riscos e as consequências da violência que acontece no meio virtual. Estudos apontam que as relações familiares são importantes moderadoras na propagação do *cyberbullying* e, dependendo de como ocorram esses relacionamentos entre pais e filhos, pode acabar se constituindo em fatores de risco para a ciberagressão, como estilo parental autoritário, falta de afeto, dedicação e supervisão dos pais (ZURCHER, 2018; ÁLVAREZ-GARCÍA *et al.*, 2019), menor competência dos pais, compreendido como menor envolvimento nas tarefas escolares dos filhos, lazer compartilhado, apoio dos pais e estilo permissivo (GARAIGORDOBIL; MACHIMBARRENA, 2017).

A restrição e a supervisão dos pais exibem um efeito protetor sobre o envolvimento em comportamentos de alto risco na *internet* e, consequentemente, de *cyberbullying*. Todavia, dentre essas duas formas de controle, a supervisão é mais eficaz embora, para que seja efetiva, deve acontecer mediante um bom clima de afeto e comunicação familiar, visto que restrições visam apenas a evitar situações de risco e não exigem uma discussão sobre a maneira correta de agir e os possíveis riscos, nem ensinam estratégias para enfrentar os problemas quando ocorrem (ÁLVAREZ-GARCÍA *et al.*, 2019).

Ela é considerada com seus novos arranjos e configurações, não é possível concebê-la como nuclear em que as interações são apenas entre mãe-pai-filhos. Mas, é preciso um novo olhar a partir dos seus movimentos, os quais provocam mudanças sociais na maneira de viver, organização e reorganização que vão possibilitando as múltiplas formas de desenvolvimento individual e dentro da própria família (OLIVEIRA, 2017).

A família se constitui no principal agente da socialização, esfera protetiva natural responsável pelo cuidado (CARRERA; LIMA; PAIXÃO, 2019). As primeiras relações humanas se constituem na família influenciando as demais relações na vida do indivíduo e a construção de si mesmo no plano social. Dessa forma, a qualidade desses relacionamentos na família, especificamente entre pais e filhos, representa o elemento principal do processo de socialização dos jovens (CLOUTIER; DRAPEAU, 2012b).

As relações estabelecidas na família influenciam no comportamento da criança e do adolescente. Todavia, esse comportamento pode ser enquadrado como adequado ou não socialmente e pode levá-los ao risco ou proteção dependendo da qualidade na interação familiar (WEBER *et al.*, 2009).

Oliveira *et al.* (2018) realizaram uma revisão sistemática sobre o *bullying* e a família considerando uma análise a partir dos aspectos bioecológicos. Assim, puderam identificar que o microssistema familiar apresenta relação significativa para esse fenômeno, destacando que a forma de se organizar bem como comportamentos, sentimentos e afetos irão favorecer ou não a construção social e a forma como lidam com essa violência.

Dessa maneira, aspectos positivos das interações familiares estão relacionados a melhor desempenho, menos problemas comportamentais e menor envolvimento com álcool e outras drogas, por exemplo, enquanto o contrário acontece quando surgem os aspectos negativos no contexto familiar (WEBER *et al.*, 2009).

Stasiak, Weber e Tucunduva (2014) concluíram, em seu estudo, que uma interação familiar de baixa qualidade com uma comunicação negativa com gritos, humilhações, ameaças, xingamentos e punição corporal compromete a construção do autoconceito positivo e da formação de boas habilidades sociais. Ou seja, os relacionamentos interpessoais, a empatia, a expressão de sentimentos e a capacidade de resolução de problemas podem ficar comprometidos no desenvolvimento das crianças.

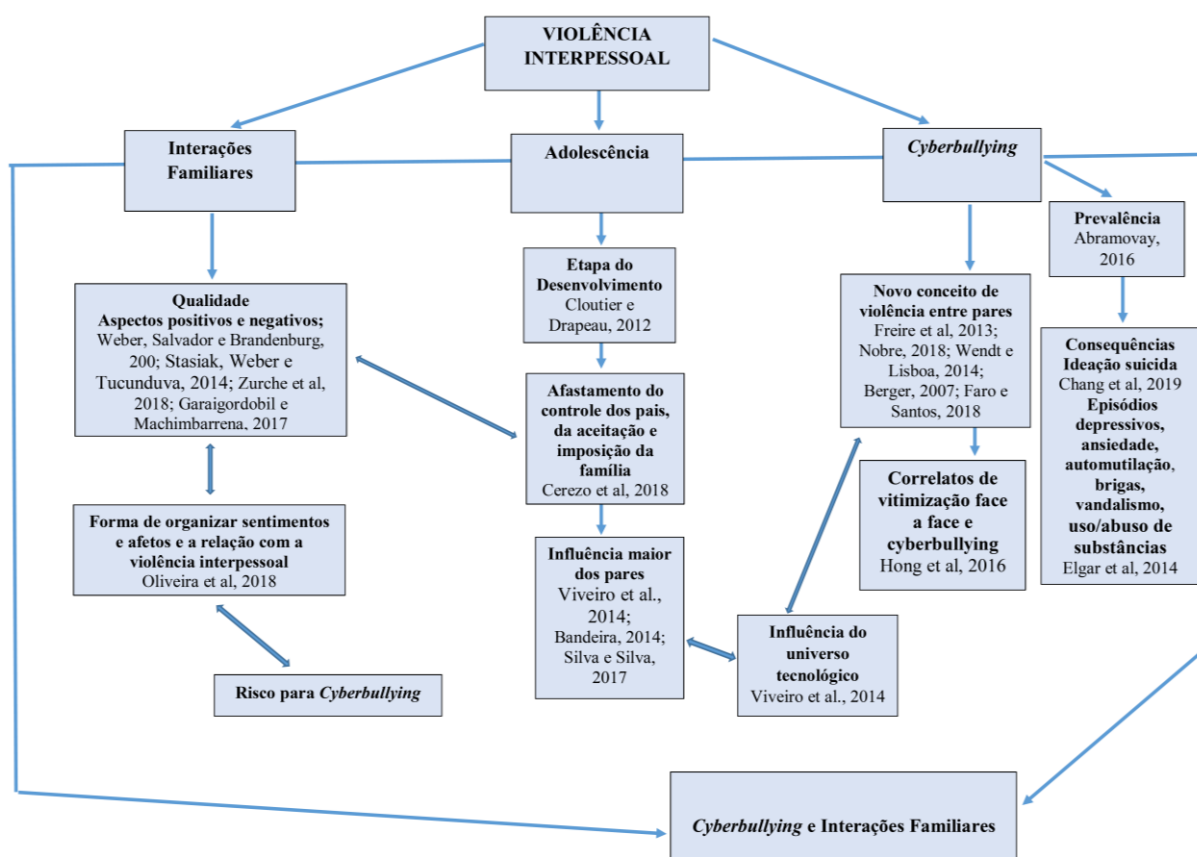
Weber *et al.* (2009) trabalharam seis aspectos que são considerados positivos na interação familiar e três negativos. Os positivos são: o envolvimento, que compreende a participação dos pais na vida dos filhos com apoio e sensibilidade; as regras e a monitoria, que envolvem o estabelecimento de normas e a supervisão do seu cumprimento; a comunicação positiva dos filhos, compreendendo um diálogo construtivo; o clima conjugal positivo, correspondendo à boa relação entre os pais, afeto, diálogo e respeito; o modelo parental, envolvendo o comportamento dos pais e a coerência com o que ensinam; e o sentimento dos filhos, compreendendo como estes se sentem em relação aos pais.

Os aspectos negativos abrangem a comunicação negativa, envolvendo a falta de controle emocional e a maneira inadequada de se expressar com o filho, como, por exemplo: ameaças, xingamentos e gritos; o clima conjugal negativo, que demonstra se os pais interagem entre si de forma negativa, com agressividade, brigas e xingamentos; por fim, a punição corporal, compreendendo a utilização da palmada para corrigir ou controlar os filhos (WEBER *et al.*, 2009).

Diante do exposto, o mapa de literatura (Figura 1) a seguir mostra os principais aspectos que envolvem a violência interpessoal e suas interligações com o *cyberbullying* como componente desse tipo de violência, que acontece entre pares, tendo como grupo etário de estudo os adolescentes e a influência das interações familiares como papel protetor para a não ocorrência ou como fator de risco. Isso demonstra a necessidade de estudos sobre essa

temática tendo como base as interações familiares para análise do perfil de frequência e a distribuição dessa violência e sua associação com as interações familiares.

Figura 1 – Mapa de Literatura: aspectos sobre violência interpessoal, interações familiares e o cyberbullying entre adolescentes



Fonte: autoria própria (2019).

4 METODOLOGIA

Foi realizado um estudo quantitativo, descritivo e transversal com adolescentes de escolas públicas municipais de grande porte do município de Feira de Santana – BA. De acordo com Pereira (2012), são desenhos de pesquisa, que têm o objetivo de informar sobre a distribuição de um evento com as variáveis relacionadas naquele momento, proporcionando informar sobre a situação existente e a prevalência da exposição, da doença e de outras características da população. Além disso, é um método eficaz para identificar frequências, fatores de risco e os grupos mais afetados ou menos afetados dentro de uma amostra representativa da população.

4.1 Local e Participantes do Estudo

O campo de pesquisa foi o município de Feira de Santana, segunda maior cidade do estado da Bahia, especificamente a rede de Educação Municipal. A cidade está situada a 109 km da capital Salvador. Segundo dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), conta com uma população de 556.642 pessoas, todavia a população estimada em 2019 é de aproximadamente 614.872 pessoas. A taxa de escolarização de 6 a 14 anos é de 97,4%. Ainda, conforme a mesma fonte, a rede de educação conta com 77.727 matrículas no Ensino Fundamental e 22.309 matrículas no Ensino Médio no ano de 2018.

A rede de educação do município é composta por 131 escolas, sendo 119 na sede e 12 na zona rural. Dentre estas, as escolas que fizeram parte da amostra foram: a Escola Municipal Maria Antônia da Costa, a Escola Municipal Otaviano Ferreira Campos, o Centro de Educação Básica e a Escola Monsenhor Mário Pessoa localizadas na zona urbana.

Os participantes do estudo foram os adolescentes matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com faixa etária de 10 a 19 anos, seguindo a definição da faixa etária compreendida para adolescência de acordo com a OMS.

4.2 Amostra

A amostra deste estudo foi do tipo não probabilístico por conveniência constituída por 116 adolescentes escolares. Na amostragem por conveniência, o pesquisador inclui os indivíduos que têm acesso mais facilitado para compor a sua amostra (SILVANY NETO, 2008).

Na primeira etapa, foram coletados 50 questionários nas Escolas Maria Antônia da Costa e Otaviano Ferreira Campos. Posteriormente, foram acrescentadas a Escola Monsenhor Mário Pessoa e o Centro de Educação Básica, totalizando 116 questionários.

4.3 Coleta de Dados e Instrumentos

A coleta de dados foi iniciada após a autorização da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana (SEDUC) e a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UEFS. A aproximação do campo de estudo foi realizada através de contato telefônico com as diretoras das escolas selecionadas pela amostragem e mediante ofício de autorização expedido pela SEDUC para as respectivas unidades de ensino.

Em decorrência do período de pandemia ocasionada pela COVID-19, os dados foram coletados através de formulários *on-line*. Foi mantido contato prévio com as diretoras das escolas para acordar uma estratégia de envio dos formulários. Dessa forma, a partir da realidade de cada escola, foi enviado pelas diretoras o *link* do *Google Forms* com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – APÊNDICE A) para os pais através dos grupos de *WhatsApp*. Quando não existia a possibilidade de envio pelos grupos de *WhatsApp*, foi realizado contato telefônico com os pais. Após ligações e explicações sobre a pesquisa, foi enviado, individualmente para cada responsável, o *link* do TCLE. A estratégia de ligações, também, foi utilizada para aumentar a adesão. Após o recebimento das autorizações, foi enviado *link* do *Google Forms* com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE – APÊNDICE B) para os alunos preencherem juntamente com a escala e o questionário em *link* único.

Para a técnica da coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: as Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) (ANEXO A), adaptadas de Weber *et al.* (2009), e o Instrumento para coleta de dados sobre *cyberbullying* (ANEXO B), adaptado de Nobre (2018), ambos transformados em formulários *on-line* através do *Google Forms*.

As EQIF foram elaboradas para medir a qualidade de interação entre a/o criança/adolescente e seus pais e entre o casal, com objetivo de identificar contextos familiares de proteção ou de risco. Sua construção ocorreu pela necessidade de um instrumento para avaliar práticas educativas parentais juntamente com outros aspectos da interação familiar, fornecendo um padrão de relacionamento. Por meio do relato dos filhos, será possível acessar aspectos da interação familiar. Eles respondem, separadamente, sobre seu pai e sobre sua mãe. São 40 questões em sistema *Likert* de cinco pontos (nunca, quase

nunca, às vezes, quase sempre e sempre) agrupadas em nove escalas. Seis delas abordam aspectos considerados “positivos” e as outras três se referem a aspectos considerados “negativos” (WEBER *et al.*, 2009). Destas, foram utilizadas cinco no presente estudo.

O envolvimento, as regras e a monitoria, a comunicação positiva e o modelo parental foram os aspectos positivos abordados neste estudo, e a comunicação negativa foi o aspecto negativo da qualidade da interação familiar abordada. Justifica-se a escolha desses aspectos pela maior aproximação com estilos e práticas parentais trazidos pela literatura e para fins de atingir os objetivos da pesquisa.

O Questionário autoaplicável sobre *cyberbullying*, adaptado de Nobre (2018), foi outro instrumento utilizado para a coleta de dados quantitativos. Esse instrumento reúne perguntas de múltipla escolha sobre a vitimização e agressão pelo *cyberbullying* entre os escolares e foi aplicado em uma etapa piloto de forma a avaliar o quesito tempo recordatório das perguntas sobre as situações de *cyberbullying* nos últimos seis meses. Devido à pandemia, o teste piloto, realizado em setembro de 2020, foi ampliado para avaliar além do tempo recordatório, incluindo, também, a avaliação do formulário eletrônico e a viabilidade do instrumento *on-line* através do *Google Forms* para coleta de dados com a finalidade de solicitar autorização para o CEP.

Para a coleta do teste piloto, foi utilizada uma amostragem não probabilística por conveniência com 10 adolescentes composta das seguintes etapas: Etapa 1 – envio dos formulários eletrônicos para pesquisador com experiência em coleta *on-line* e para pesquisadores do núcleo de pesquisa NIEVS; Etapa 2 – envio para estudantes de medicina pesquisadores do NIEVS com experiência em trabalhos com o público-alvo e temática da pesquisa; e Etapa 3 – envio para os adolescentes.

Na Etapa 3, foi realizado o seguinte fluxo: primeiro, envio de formulário *on-line* para os adolescentes preencherem com o contato dos pais ou responsáveis (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf2PfUM81k_oR0FQDKpRdnsYIZZ44MSd2VL357ryIGwc0HW2Q/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0); após retorno destes com o contato dos pais, foi enviado o formulário com o TCLE para os pais autorizarem a coleta com seus filhos

(https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeYi3CJoCTaQpnPut_6hAHSUHqnWwPXxBc hHmfLanNv3MXwnQ/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0); posteriormente, com o retorno da autorização dos pais, foi enviado para os adolescentes responderem um formulário eletrônico único com TALE, questionário e escala (<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe4O4d65ztwvxDDZWQvcB2TwJOxjmTjgmit>

qMi9ORRk7LG5bA/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0). Todo contato foi realizado através de celular pelo aplicativo *WhatsApp*. No entanto, para a coleta dos dados, foi realizado o contato inicial com os pais, sendo o caminho da coleta contrário ao feito no teste piloto.

O crescente uso da *internet* tem levado pesquisadores ao desenvolvimento de questionários virtuais como um método alternativo de buscar respostas para pesquisas científicas. Isso apresenta algumas vantagens, como: possibilidade de captar participantes com baixo custo; imparcialidade e anonimato, não expondo os participantes à influência da equipe de coleta; comodidade, pois respondem no momento que é mais apropriado; facilidade na aplicação a vários participantes; dados inseridos eletronicamente e automaticamente transformados em banco de dados, os erros e os gastos com a digitação são eliminados; recursos visuais e áudios podem ser incluídos; e os pesquisadores podem controlar o número de questionários preenchidos em tempo real (FALEIROS *et al.*, 2016).

Entretanto, as desvantagens incluem: exclusão dos analfabetos digitais, impedimento do auxílio ao participante quando este não compreende alguma pergunta e impossibilidade do conhecimento das circunstâncias em que o questionário foi respondido (FALEIROS *et al.*, 2016). Todavia, constitui-se em um meio que poderá ser aprimorado com a sua utilização em mais pesquisas. Ressalta-se que, no atual momento de pandemia, as vantagens superam as desvantagens da coleta *on-line*, principalmente devido aos participantes e ao campo do estudo.

4.4 Variáveis do Estudo

Foi considerada como variável dependente (desfecho) a ocorrência da violência virtual (*cyberbullying*). Já as variáveis independentes correspondem: às sociodemográficas (idade, escolaridade, sexo, raça/cor e escolaridade dos pais); à frequência da violência sofrida e praticada; às modalidades e formas mais utilizadas; às características da vítima e do agressor; e à qualidade da interação familiar (envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva, modelo parental e comunicação negativa).

4.5 Análise dos Dados

Os dados foram submetidos ao processo de digitação dupla. O banco de dados foi construído através do programa *Excel*. Checagens de consistência das informações e correções pertinentes foram realizadas. Posteriormente, através da transferência dos dados para serem

utilizados no *software SPSS (Statistical Package for the Social Sciences)*, os resultados foram submetidos a análises quantitativas descritivas das variáveis e expressas em porcentagens, que são procedimentos para modelos lineares generalizados.

Na segunda etapa, foi realizada a análise bivariada, associando cada variável independente com desfecho e apresentando como medida de significância estatística o valor de 5%. Foram utilizados os modelos de regressão *Poisson* e binomial negativo para analisar o comportamento em relação às variáveis explicativas de determinada variável desfecho, que se apresenta na forma quantitativa, porém com valores discretos e não negativos, na presente pesquisa, dados de contagem das vezes que os adolescentes sofreram *cyberbullying*.

4.6 Aspectos Éticos

A pesquisa foi baseada no que dispõe a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, a qual apresenta as diretrizes e normas regulamentares de pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). De acordo com essa Resolução, o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) é o órgão responsável pela avaliação de protocolos de pesquisa e emissão de parecer devidamente justificado. Para tanto, foi solicitada a autorização à Coordenação da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana (ANEXO D). Além disso, o projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil e encaminhado ao CEP da UEFS.

Dessa forma, a coleta de dados foi iniciada após Parecer de aprovação do CEP/UEFS sob o nº 3.928.393, com emenda aprovada em 8 de novembro de 2020 (Parecer nº 4.384.753), e retorno à SEDUC para comunicação da liberação do CEP, a qual enviou os ofícios de realização da pesquisa para as escolas e, posteriormente, de articulação com os diretores de cada unidade de ensino.

Esta pesquisa levou em consideração todos os aspectos éticos abordados na Resolução nº 466 (BRASIL, 2012), como: o respeito ao participante em sua dignidade e autonomia, garantindo sua vontade de contribuir e permanecer na pesquisa ou não; a maximização dos benefícios em detrimento dos danos ou riscos; a garantia de que os danos previsíveis serão evitados; e a relevância social do estudo. Devido à natureza da coleta de dados por meio *on-line*, também seguiu o comunicado do Conep 0019229966 referente às orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual (BRASIL, 2021).

Por respeito à dignidade humana, os sujeitos da pesquisa foram convidados à participação, com o esclarecimento através de uma linguagem clara e acessível, sobre os

objetivos e procedimentos do estudo, e da garantia do anonimato e do sigilo através da comunicação por aplicativos de mensagens e rede social *Instagram*. Foi informado, também, que cada participante terá liberdade de se retirar a qualquer momento e fase da pesquisa, sem nenhuma penalização, garantindo o direito à autonomia do sujeito.

Além disso, foram esclarecidos quanto aos benefícios por participarem, os quais se referem à contribuição em proporcionar maior clareza em relação ao *cyberbullying*, aumentar o conhecimento científico para a área de saúde e da educação, e proporcionar o fomento de políticas públicas e ampliação de discussões em nível nacional em relação ao fenômeno de estudo. Os participantes, também, foram informados com relação aos possíveis riscos/desconfortos, que se relacionam com o constrangimento, o desconforto e a ansiedade ao relembrar questões sobre a violência sofrida e/ou praticada.

Assim, considerando que todas as etapas foram cumpridas como esclarecimento inicial com os pais, foi feito o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (APÊNDICE B) para que os pais e os adolescentes, respectivamente, concordassem em participar da coleta de dados. Ambos os Termos foram enviados de forma on-line através de aplicativo de mensagens instantâneas (*WhatsApp*) ou por *e-mail*, sendo que uma cópia foi enviada para a pesquisadora responsável e a outra para o participante. A linguagem dos Termos foi reformulada para uma comunicação mais eficiente em tecnologias digitais (APÊNDICE C).

5 RESULTADOS

5.1 ARTIGO 1 – USO DE QUESTIONÁRIOS *ONLINE* EM PESQUISA DE VIOLÊNCIA POR *CYBERBULLYING* ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

USE OF ONLINE QUESTIONNAIRES IN SURVEY OF CYBERBULLYING VIOLENCE AMONG SCHOOL ADOLESCENTS: A REPORT OF AN EXPERIENCE

RESUMO

O uso de questionários *on-line* se revela como uma importante ferramenta de pesquisa durante a pandemia de COVID-19, que limitou a coleta de dados presenciais. No entanto, é necessário a contextualização dos desafios, vantagens e desvantagens do uso dos questionários *on-line* visando à diminuição de erros na preparação e na coleta dos dados. O presente relato de experiência traz a abordagem de um estudo realizado sobre *cyberbullying* e a dinâmica das interações familiares com a utilização de questionários *on-line*. Tem como objetivo apresentar a experiência da utilização de questionários *on-line* em pesquisa de violência de um município do interior da Bahia. A experiência foi marcada pelo contexto da pandemia quando ocorreu o fechamento das escolas e, conseqüentemente, o isolamento social. Os instrumentos de coleta foram Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQUIF) e dados sobre *cyberbullying* aplicados através da plataforma *Google Forms*. Concluíram-se a adequação e a viabilidade dos questionários *on-line* considerando que adolescentes apresentam maior habilidade no manejo dessa ferramenta tecnológica. Entretanto, o acesso à *internet* é uma barreira significativa. Ressalta-se que a importância de estudos do tipo relato de experiência para auxiliar outros pesquisadores vem ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas e, conseqüentemente, no universo acadêmico de pesquisa.

Palavras-chave: *Cyberbullying; Questionários on-line; Coleta de dados*

ABSTRACT

The use of online questionnaire proves to be an important research tool during the COVID-19 pandemic, which limited in-person data collection. However, it is necessary to contextualize the challenges, advantages and disadvantages of using online questionnaire in order to reduce errors in data preparation and collection. This experiences report brings the approach of a study carried out on cyberbullying and the dynamics of family interactions with the use of online questionnaire. It aims to present the experience of using online questionnaire in research on violence in a municipality in the interior of Bahia. The experience was marked by the context of the pandemic when schools were closed and consequent social isolation. The collection instruments were Quality Scale in Family Interactions and data on cyberbullying,

applied through the google forms platform. The adequacy and feasibility of online questionnaire is concluded, considering that adolescents have greater skill in handling this technological tool, however internet access is an important barrier. It emphasizes the importance of studies of the experience report type to help other researchers have been gaining more and more space in people's lives and, consequently, in the academic world of research.

Keywords: *Cyberbullying; Online questionnaire; Data collect*

INTRODUÇÃO

O acesso mais difundido da *internet* e de dispositivos móveis vem possibilitando a utilização de suas ferramentas como meio para coleta de dados em pesquisas científicas e como um método alternativo, apoiando-se na praticidade e no baixo custo como as principais vantagens ao se optar por esse tipo de coleta.

Os desafios, vantagens e desvantagens do uso dos questionários *on-line* são fundamentais para sua contextualização tendo em vista que se faz necessário o conhecimento desses aspectos visando à diminuição de erros na preparação e na coleta dos dados quando os questionários forem disparados para o público-alvo. No entanto, tendem a apresentar baixas taxas de participação em comparação com as pesquisas tradicionais¹.

Um dos fatores importantes para serem considerados são a pouca experiência e o manejo na plataforma *Google Forms* assim como o acesso da *internet* afetaram a participação dos entrevistados nos questionários *on-line*. Dessa forma, acabam predominando na amostra aqueles participantes que apresentam mais facilidade com as ferramentas digitais. Todavia, a elaboração de pesquisas em ambiente virtual é uma tendência considerando-se que a aquisição de conhecimento ocorre de forma ágil e quase imediata, o que a transforma em promissora para área da saúde². Além disso, pode ser realizada em diversas cidades e/ou países concomitantemente, de forma rápida e com tratamento dos dados em menor tempo.

Vale salientar, porém, que, mesmo que a exclusão digital, que se refere à desigualdade de acesso à *internet*, ainda represente uma problemática para o uso em coleta de dados *on-line*, a adoção da *internet* muda em uma escala de tempo nitidamente muito rápida e difere entre países e dentro do mesmo país de acordo com idade, sexo, renda e raça³.

A *internet* vem se tornando um meio mais fácil e rápido para diversas situações no cotidiano das pessoas. A difusão de mercados de compras *on-line*, a comunicação através de chamadas e mensagens instantâneas dependentes da *internet*, redes sociais e aplicativos bancários vêm possibilitando a constituição de um espaço virtual entre pessoas e imagens

como um lugar. Enfim, a vida na *web* de experiências e vivências, onde a conexão e o compartilhamento do modo de pensar, viver e agir, se tornou cada vez mais frequente.

Tendo em vista esses aspectos, o presente relato de experiência traz a abordagem de um estudo realizado sobre *cyberbullying* e a dinâmica das interações familiares com a utilização de questionários *on-line*. Pode-se identificar que o tema revela uma abordagem voltada para uma violência que ocorre no universo virtual através do uso de dispositivos eletrônicos e aplicativos, e culminou com uma forma de coletar dados no mesmo espaço e com as mesmas ferramentas onde ela ocorre. Desse modo, o número crescente de internautas, sendo em sua maioria os adolescentes⁴, demonstra as possibilidades de ascensão para sua utilização com uso de questionários *on-line*.

Na análise desses indicadores, deve-se considerar a viabilidade de trabalhar pesquisas com coleta de dados *on-line* tendo como público-alvo os adolescentes. Estes são vistos como os “nativos digitais”, já que nasceram e cresceram em meio ao uso das tecnologias da informação e comunicação e, portanto, apresentam mais facilidade no manejo dos recursos tecnológicos⁵.

Nesse contexto, o uso dos questionários *on-line* apresenta algumas vantagens: possibilidade de captar participantes com baixo custo; imparcialidade e anonimato não expondo os participantes à influência da equipe de coleta; comodidade, pois respondem no momento que é mais apropriado; facilidade na aplicação a vários participantes; dados inseridos eletronicamente e automaticamente transformados em banco de dados; os erros e os gastos com a digitação são eliminados; recursos visuais e áudios podem ser incluídos; e os pesquisadores podem controlar o número de questionários preenchidos em tempo real⁶.

Entretanto, as desvantagens incluem: exclusão dos analfabetos digitais, impedimento do auxílio ao participante quando este não compreende alguma pergunta e impossibilidade do conhecimento das circunstâncias em que o questionário foi respondido⁶. Apesar dos desafios, a utilização de questionários *on-line* de forma mais difundida entre os pesquisadores se constituirá em um meio que poderá ser aprimorado.

O isolamento e distanciamento social ocasionado pela pandemia levou à intensificação do uso de dispositivos eletrônicos e mídias digitais com consequente aumento do uso de redes sociais e jogos *on-line* durante esse período⁷, levando a um ambiente propício para a violência por *cyberbullying*. Ressalta-se que, no momento de pandemia, as vantagens superaram as desvantagens da coleta *on-line*, principalmente devido aos participantes, pois são adolescentes e apresentam maior habilidade com ferramentas tecnológicas e o campo do estudo face ao fechamento e inviabilidade de retorno das atividades presenciais nas escolas municipais.

Dessa maneira, o presente estudo tem como objetivo apresentar um relato de experiência da utilização de questionários *on-line* em pesquisa de violência por *cyberbullying* em adolescentes de uma escola pública de um município do interior da Bahia.

PERCURSO METODOLÓGICO

O estudo realizado foi de natureza quantitativa, descritiva e transversal com adolescentes matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 10 a 19 anos, de escolas públicas de um município do interior da Bahia.

A pesquisa foi desenvolvida, inicialmente, para ser trabalhada de forma presencial com coletas nas escolas através de questionários impressos e levados até os alunos pela pesquisadora responsável e pelo grupo de coleta. No entanto, a pandemia de COVID-19 ocasionou o fechamento das escolas e a suspensão de suas atividades presenciais, o que inviabilizaria a proposta tradicional de coletar dados junto aos participantes.

Nesse contexto, para atender aos objetivos de continuidade do projeto “*Cyberbullying* e dinâmica das interações familiares em adolescentes de escolas públicas”, em decorrência de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, ocasionada pela COVID-19 expressa na Portaria nº 188/GM/MS/2020, do Ministério da Saúde, o projeto de pesquisa foi reformulado contemplando aspectos metodológicos para utilização de questionários *on-line*.

Outrossim, no período de retorno à Secretaria Municipal de Educação (SEDUC) do município de Feira de Santana e início da pesquisa, foram realizadas alterações, atendendo ao Parecer nº 05/2020 do Conselho Nacional de Educação (CNE), divulgado em 17 de abril de 2020, sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19. Nessa etapa, os contatos em relação à coleta de dados e instrumentos de pesquisa foram readequados para formulários eletrônicos e contatos não presenciais assim como alterações no cronograma, apêndices e anexos. Após a qualificação, também, houve alteração no cálculo amostral.

Para a técnica da coleta de dados, os dois instrumentos utilizados, as Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF), adaptada de Weber *et al.* (2009)⁸, e o Instrumento para coleta de dados sobre *cyberbullying*, adaptado de Nobre (2018)⁹, foram transformados em formulários *on-line* através do *Google Forms*.

As EQIF foram elaboradas para medir a qualidade de interação entre a/o criança/adolescente e seus pais e entre o casal, com objetivo de identificar contextos familiares de proteção ou de risco. Sua construção ocorreu pela necessidade de um

instrumento para avaliar práticas educativas parentais juntamente com outros aspectos da interação familiar, fornecendo um padrão de relacionamento⁸. Destas, foram utilizadas cinco no estudo.

O envolvimento, as regras e a monitoria, a comunicação positiva e o modelo parental foram os aspectos positivos abordados neste estudo, e a comunicação negativa foi o aspecto negativo da qualidade da interação familiar abordada. Justifica-se a escolha desses aspectos pela maior aproximação com estilos e práticas parentais trazidas pela literatura e para fins de atingir os objetivos da pesquisa.

O questionário sobre *cyberbullying*, adaptado de Nobre (2018)⁹, foi outro instrumento utilizado para a coleta de dados. Esse instrumento reúne perguntas de múltipla escolha sobre a vitimização e a agressão pelo *cyberbullying* entre os escolares.

A pesquisa foi baseada no que dispõe a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, a qual apresenta as diretrizes e normas regulamentares de pesquisas envolvendo seres humanos¹⁰. No entanto, devido à natureza da coleta de dados por meio *on-line*, também, seguiu o comunicado do Conep 0019229966 referente às orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual¹¹.

Tendo em vista os aspectos éticos da pesquisa e com base nesses dispositivos, a coleta de dados foi iniciada após Parecer de aprovação do CEP/UEFS sob o nº 3.928.393, com emenda referente à mudança na forma da coleta aprovada em 08 de novembro de 2020 (Parecer nº 4.384.753), retorno à SEDUC para comunicação da liberação do CEP, a qual enviou os ofícios de realização da pesquisa para as escolas, e, posterior, articulação remota por meio de telefonemas e pelo *WhatsApp* com os diretores de cada unidade de ensino.

Dessa forma, houve esclarecimento inicial com os pais e envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a concordância dos pais, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) foi enviado para o contato fornecido pelo responsável para os adolescentes. Ambos os Termos foram enviados de forma *on-line* através de aplicativo de mensagens instantâneas (*WhatsApp*) bem como o arquivo em formato pdf com a cópia assinada pelas pesquisadoras responsáveis para os pais. Ressalta-se que a linguagem dos Termos foi reformulada para uma comunicação mais eficiente em tecnologias digitais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utilização dos questionários eletrônicos na pesquisa “*Cyberbullying* e dinâmica das interações familiares em adolescentes de escolas públicas” foi uma experiência marcada pelo contexto da pandemia da COVID-19 quando ocorreu o fechamento das escolas e, consequentemente, o isolamento social e os instrumentos de coleta foram transformados em um questionário *on-line* através da plataforma *Google Forms*.

Inicialmente, foram elaborados três formulários *on-line*. Um foi o TCLE para os pais constando campos para que estes pudessem preencher os dados de nome e o telefone autorizado para envio do questionário para o adolescente. Os outros dois foram o questionário sobre *cyberbullying* e as escalas de interação familiar elaborados com o intuito de testar a aplicação. Posteriormente, foi realizado o teste piloto.

Ressalta-se que os instrumentos foram adaptados para um *layout* que configurasse a linguagem voltada para o universo digital com o uso de imagens e *hashtags*; além disso, voltada para o entendimento do adolescente.

O teste piloto foi aplicado com o intuito de avaliar o tempo recordatório, a linguagem utilizada, o design proposto, a formatação para facilitar a compreensão, sequência das perguntas e a viabilidade do instrumento *on-line* através do *Google Forms* para coleta de dados com a finalidade de solicitar autorização ao CEP.

Para a coleta do teste piloto, foi utilizada uma amostragem por conveniência com 10 participantes composta das seguintes etapas: Etapa 1 – envio dos formulários eletrônicos para pesquisador com experiência em coleta *on-line* e para pesquisadores do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidade e Saúde (NIEVS); Etapa 2 – envio para estudantes de Medicina pesquisadores do NIEVS com experiência em trabalhos com o público-alvo e temática da pesquisa; e Etapa 3 – envio para os adolescentes.

Na Etapa 3, foi realizado o seguinte fluxo: primeiro, envio de formulário *on-line* para os adolescentes preencherem com o contato dos pais ou responsáveis (https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf2PfUM81k_oR0FQDKpRdnsYIZZ44MSd2VL357ryIGwc0HW2Q/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0); após retorno destes com o contato dos pais, foi enviado o formulário com o TCLE para os pais autorizarem a coleta com seus filhos

(https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeYi3CJoCTaQpnPut_6hAHSUHqnWwPXxBchHmfLanNv3MXwnQ/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0); posteriormente, com o retorno da autorização dos pais, foi enviado para os adolescentes responderem um questionário

eletrônico único composto pelo TALE, questionário e escala (<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe4O4d65ztwvxDDZWQvcB2TwJOxjmTjgmitqMi9ORRk7LG5bA/viewform?vc=0&c=0&w=1&flr=0>). Todo contato foi realizado através de celular pelo aplicativo *WhatsApp*. No entanto, na etapa da coleta dos dados, foi realizado o contato inicial com os pais, sendo que, nessa etapa, foi utilizado o caminho contrário ao feito no teste piloto.

A aproximação do campo de estudo foi realizada através de contato telefônico com as diretoras das escolas selecionadas pela amostragem e mediante ofício de autorização expedido pela Secretaria de Educação para as respectivas unidades de ensino. Também, foi utilizado um vídeo animado (https://www.instagram.com/enfa.luzimaragomes/tv/CNC6HmBFx-y/?utm_medium=copy_link) produzido pela própria pesquisadora sobre a temática, contendo informações em relação ao tema, título, público-alvo, período de realização da pesquisa e objetivos para as diretoras conhecerem e publicarem nos grupos e redes sociais das escolas.

Foi mantido contato prévio com as diretoras das escolas para acordar uma estratégia de envio dos questionários. Dessa forma, a partir da realidade de cada escola, foi enviado pelas diretoras o *link* do *Google Forms* com o TCLE para os pais através dos grupos de *WhatsApp* formados pela própria escola.

Ressalta-se a utilização do aplicativo *WhatsApp* devido à sua praticidade e facilidade de uso e por ser mais difundido nos dias atuais e o mais acessado para uso na comunicação de uma forma geral, seja por mensagens instantâneas ou ligações. A utilização desse aplicativo entre alunos traz vantagens, pois é possível acessar de qualquer lugar e a qualquer momento até mesmo com uma *internet* de baixa potência, além de ser atrativo e proporcionar o envio de arquivos como vídeos e documentos¹².

Diante da dificuldade de acesso aos grupos de *WhatsApp*, foi realizado contato telefônico com os pais. Esse contato possibilitou explicar sobre a pesquisa e a sua temática para os pais, os quais receberam, de forma individual, o *link* do TCLE para autorização da participação dos filhos, além de colocaram o contato de *WhatsApp* e/ou *e-mail* para proceder, posteriormente, o envio dos questionários. A estratégia de ligações, também, foi utilizada para aumentar a adesão. Após recebimento das autorizações, foi enviado *link* do *Google Forms* com o TALE para os alunos preencherem juntamente com a escala e o questionário em *link* único.

Nessa perspectiva, outro aspecto que se constituiu em um desafio para o trabalho com questionários *on-line* é não conhecer quem é o pesquisador, pois a pandemia de COVID-19 não permitiu visitas e reuniões com diretores e responsáveis bem como o contato prévio com

alunos para que pudessem identificar e conhecer a pesquisadora. Diante disso, foi criada uma página no *Instagram* com o perfil público da pesquisadora para fazer postagens sobre a temática.

O uso das mídias digitais, *Facebook* e *Twitter* por exemplo, como forma de recrutamento utilizado no estudo de Yuan *et al.* (2014)¹³, demonstrou ser uma estratégia eficiente e simplificada para trabalhar com indivíduos soropositivos, ratificando que as redes sociais são espaços, que viabilizam a comunicação do pesquisador com o público-alvo.

Vale salientar, ainda, o problema do envio dos questionários para os responsáveis e adolescentes sem a necessidade de cadastrar todos os contatos na lista telefônica do celular. Dessa forma, ferramentas digitais, como *site* para iniciar conversa sem necessidade de salvar o contato e que disponibilizava um *link* gerador, foram utilizadas juntamente com uma planilha. Nessa planilha, foram adicionados o nome, o contato do *WhatsApp* e o *link* gerado, o que possibilitou o encaminhamento dos questionários apenas clicando no *link*, o qual já disponibilizava uma mensagem predefinida com o nome do adolescente ou o do responsável.

A coleta de forma *on-line* possibilita, ainda, a comodidade para o participante, pois este responde no momento mais viável para ele. Mas, isso acaba levando o pesquisador à perda de algumas respostas, uma vez que alguns acabam esquecendo de responder posteriormente. Diante desse aspecto, para sanar a dificuldade de retorno das respostas, foi determinado o envio de mensagens lembretes após quatro a cinco dias.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2021) e da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) demonstraram aumento no percentual de domicílios com acesso à *internet*, que subiu de 79,1% para 82,7% em 2019 comparado ao ano de 2018, sendo o celular o equipamento mais utilizado para o acesso. Essa pesquisa, também, revelou que os jovens de 20 a 29 anos são os que mais acessam, sendo o uso maior entre estudantes da rede privada que os da rede pública¹⁴.

Entretanto, a limitação de acesso ao celular e à *internet* por parte dos adolescentes, também, foi um fator dificultador para a adesão. O meio utilizado para sanar esse fator foi que alguns responsáveis disponibilizassem o celular deles ou de algum parente para que o adolescente participasse da pesquisa. Todavia, acabou confluindo em outro aspecto incluído nas desvantagens das pesquisas com coletas *on-line*, que é a influência nas respostas, pois não existe a possibilidade de saber quem está próximo do adolescente quando ele responde aos questionários e se há influência desses outros atores no momento de responder.

A ausência de controle pode afetar, principalmente, as pesquisas que necessitam de acesso restrito a um determinado público-alvo assim como não existe a possibilidade de

controlar se um mesmo participante respondeu a várias vezes ou encaminhou para outras pessoas que não poderiam fazer parte da seleção de participantes¹⁵.

Na pesquisa realizada sobre *cyberbullying*, foi constatado que alguns participantes responderam mais de uma vez, o que pôde ser verificado pelo questionário respondido da mesma forma e com intervalo de envio das respostas de menos de um minuto. Estes foram excluídos da pesquisa na fase de análise dos dados. Também, foi observado que em um questionário constava um participante de outro colégio que não fazia parte da amostra, o que pode ser um indicativo de que o questionário foi compartilhado com outros alunos.

Em relação ao acesso à *internet*, pode ser considerado o principal problema na aplicação e o que inviabiliza a sua substituição completa pelas tradicionais pesquisas presenciais, tendo em vista que esse acesso não é distribuído igualmente mesmo em países desenvolvidos com altos índices de acesso à *internet*. Isso ocorre devido à variabilidade no seu uso efetivo, o que pode gerar erros de cobertura que não são representativos da população¹⁵.

Todavia, apesar da limitação relatada por diversos autores apresentados neste estudo, a pesquisa sobre *cyberbullying*, que envolve a violência no ambiente virtual, requer justamente aqueles participantes que utilizam e vivenciam experiências *on-line*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa com a forma de coleta através de questionários *on-line* se justificou pela necessidade de continuidade do estudo diante do isolamento social provocado pela pandemia da COVID-19, viabilizando uma forma de coletar os dados no próprio cenário em que ocorre a violência por *cyberbullying*, ou seja, no espaço virtual, através de aplicativos que são utilizados, também, para sua prática.

Apesar de todas as desvantagens e desafios inerentes da pesquisa que envolve coleta *on-line*, fazer uma coleta em meio à pandemia foi um desafio ainda maior diante da impossibilidade de alcançar presencialmente não só os participantes, mas também todos os que eram necessários contatar antes destes, como a Secretaria de Educação, os diretores das escolas e os pais. Todavia, as vantagens de uma coleta *on-line* superaram as limitações em decorrência do período de pandemia.

Estratégias foram traçadas, como envio de mensagem lembrete e desenvolvimento do *Instagram*, como forma de aumentar a adesão dos adolescentes e causar um sentimento de confiança nos seus responsáveis. Concluíram-se a adequação e a viabilidade dos questionários

on-line, considerando que adolescentes apresentam maior habilidade no manejo dessa ferramenta tecnológica.

Apesar do seu uso crescente na pesquisa, os questionários *on-line* são pouco explorados na literatura em relação à sua forma de coleta, especificidades, limitações e vantagens, pois muitos autores descrevem apenas seu uso na metodologia.

Dessa forma, ressalta-se a importância de estudos do tipo relato de experiência para auxiliar outros pesquisadores, tendo em vista que o uso de ferramentas tecnológicas vem ganhando cada vez mais espaço na vida das pessoas e, conseqüentemente, no universo acadêmico de pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Wachelke J, Natividade J, Andrade A, Wolter R, Camargo B, . Caracterização e Avaliação de um Procedimento de Coleta de Dados *Online* (CORP). *Avaliação Psicológica*. 2014;13(1):143–6. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000100017. Acesso em 30 set. 2021.
2. Szwarcwald CL, De Souza Júnior PRB, Damacena GN, Malta DC, De Azevedo Barros MB, Romero DE, et al. ConVid - Behavior Survey by the Internet during the COVID-19 pandemic in Brazil: Conception and application methodology. *Cad Saude Publica*. 2021;37(3):1-15. doi: 10.1590/0102-311X00268320
3. Feehan DM, Cobb C. Using an Online Sample to Estimate the Size of an Offline Population. *Demography*. 2019;56(6):2377–92. doi: 10.1007/s13524-019-00840-z
4. PNAD. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2015*. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 108 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 19 set. 2019.
5. Coelho PMF, Costa MRM, Mattar Neto JA. Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. *Educ Real*. 2018;43(3):1077–94. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n3/2175-6236-edreal-2175-623674528.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.
6. Faleiros F, K  ppler C, Ramos Pontes FA, Souza S, Silva DC, Dos F, et al. Uso De Questionário Online E Divulga  o Virtual Como Estratégia De Coleta De Dados Em Estudos Científicos. *Artig Orig Texto Context Enferm*. 2016;25(4):3–8. Disponível em https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-3880014.pdf. Acesso em 22 set. 2020.
7. Jain O, Gupta M, Satam S, Panda S. Has the COVID-19 pandemic affected the susceptibility to cyberbullying in India? *Comput Hum Behav Reports [Internet]*. 2020;2(September):1-9. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2020.100029>

8. WEBER, LND, SALVADOR, APV, BRANDENBURG, OJ. Escalas de Qualidade na Interação Familiar–EQIF. In: WEBER, LND, DESSEN, MA, organizadores. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*. Curitiba: Juruá; 2009. p. 57-68.
9. Nobre, CS. *Violência Interpessoal entre Escolares de Fortaleza: análise situacional de vítimas, agressores e observadores* [Tese]. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva (PPGSC-ISC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia, 2018.
10. Brasil. Ministério da Saúde. *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 17 jul. 2018.
11. Brasil. Ministério da Saúde. *CONEP – orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual*. 2021. Disponível em <https://cepuefs.wixsite.com/cepuefs/post/orienta%C3%A7%C3%B5es-para-procedimentos-em-pesquisas-comqualquer-etapa-em-ambiente-virtual>. Acesso em 05 de mar. 2021.
12. Rodrigues TC, Teles LF. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. *Rev Bras Estud Pedagógicos*. 2019;100(254):17–38. doi: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3456>.
13. Yuan P, Bare MG, Johnson MO, Saberi P. Using online social media for recruitment of human immunodeficiency virus-positive participants: A cross-sectional survey. *J Med Internet Res*. 2014;16(5):1–9. Available from: <https://www.jmir.org/2014/5/e117/PDF>. Acesso 05 de out. 2021
14. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD Contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país*. Abr. 2021. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 3 set. 2021.
15. CARLOMAGNO, MC. Conduzindo pesquisas com questionários online: uma introdução às questões metodológicas. In: SILVA T, BUCKSTEGGE J, ROGED P, organizadores. *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais*. Brasília: IPDA, 2018;253–76.

5.2 ARTIGO 2 – OCORRÊNCIA DA VIOLÊNCIA POR *CYBERBULLYING* E INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES

OCCURRENCE OF VIOLENCE DUE TO CYBERBULLYING AND FAMILY INTERACTIONS AMONG ADOLESCENTS

RESUMO

A violência digital por *cyberbullying* tem sua complexidade relacionada ao rápido alcance e propagação, sentimento de impunidade e anonimato pelo agressor. Esta investigação objetivou descrever o perfil sociodemográfico de adolescentes, estudantes de escolas públicas, frente a ocorrência do *cyberbullying*, principais formas, modalidades e as interações familiares associadas a este fenômeno. Estudo transversal realizado por meio de questionários *on-line* com 116 adolescentes. Análises descritivas e modelos de regressão de *Poisson* e binomial negativo foram utilizados. Os resultados demonstraram o percentual de 11,2% de adolescentes, que sofreram, pelo menos uma vez, maioria masculina, as formas frequentes foram: apelido maldoso (58,3%), fofocas e piadas (33,3%), via *WhatsApp* (53,8%) e redes sociais (38,5%). Ocorreu associação da comunicação negativa do pai ($p < 0,001$), sendo que a comunicação positiva com outros familiares ($p < 0,022$) e a comunicação positiva da mãe não se mostraram estatisticamente associadas ($p = 0,119$). Conclui-se que a frequência observada pode ter sido influenciada pelo conceito de *cyberbullying* internalizado pelo adolescente. Recomenda-se a realização de estudos longitudinais, de validação e padronização de escalas dos tipos mais frequentes dessa violência.

Palavras-chave: *Cyberbullying*, Relações Familiares, Adolescência

ABSTRACT

Digital violence by *cyberbullying* has its complexity related to the rapid reach and spread, the feeling of impunity and anonymity for the aggressor. This investigation aimed to describe the sociodemographic profile of adolescents, students from public schools, facing the occurrence of *cyberbullying*, main forms, modalities and family interactions associated with this phenomenon. Cross-sectional study conducted through online questionnaires with 116 adolescents. Descriptive analyzes and Poisson and negative binomial regression models were

used. The results showed the percentage of 11.2% of teenagers, who suffered, at least once, male majority, the frequent forms were: malicious nickname (58.3%), gossip and jokes (33.3%), via WhatsApp (53.8%) and social networks (38.5%). There was an association of negative communication from the father ($p < 0.001$), with positive communication with other family members ($p < 0.022$) and positive communication from the mother not being statistically associated ($p = 0.119$). It is concluded that the observed frequency may have been influenced by the concept of cyberbullying internalized by the teenager. It is recommended to carry out longitudinal studies, validation and standardization of scales of the most frequent types of this violence.

Keywords: *Cyberbullying*, Family Relations, Adolescence

INTRODUÇÃO

Compreender a adolescência para além da sua limitação etária e o ser adolescente constituído pelas suas experiências e relações sociais estabelecidas no cotidiano são as perspectivas iniciais da discussão desse artigo, tendo em vista que concepções centradas na visão de naturalização deste processo são insuficientes enquanto possibilidade de análise da complexidade e compreensão dessa fase do desenvolvimento humano que se coloca de forma singular, complexa, dinâmico, histórica e cultural¹.

Neste sentido, compreendemos o processo de adolecer enquanto um fenómeno histórico-cultural, tangenciado pela contradição e ambiguidade constituidoras da sociedade moderna capitalista¹.

Na construção da ideologia social e do pertencimento o sujeito adolescente se coloca em situações de vulnerabilidade, frente à necessidade sociocultural de atuação na sua realidade e contexto, onde a violência, em suas diferentes tipificações podem se manifestar na categoria social da adolescência.

A múltipla interação com os pares faz com que ocorra a busca de pertencimento a um grupo de amigos próximos, seja da escola, do lazer ou do esporte, entre outros, possibilitando,

a partir desta relação tecida histórica e culturalmente com o mundo, a construção da subjetividade e do que os tornam humanos. Dessa forma, essa maior interação favorece o sentimento de pertencimento ao grupo e de integração no mundo e na sociedade, contribuindo para o desenvolvimento do ser social².

A construção da identidade no período da adolescência com a entrada em grupos sociais se constitui como espaço de socialização e experimentação, no entanto, a pandemia da COVID-19, o distanciamento e o isolamento social alteraram esse convívio, trazendo os adolescentes para a família, aumentando a sociabilidade digital, a exposição e a vulnerabilidade a atos violentos nas redes sociais, e criando condições para violência digital^{3,4}.

Desta forma, o *cyberbullying* se constitui em uma violência interpessoal, que apresenta como característica distinta o uso da tecnologia da informação e comunicação, que acontece de forma eletrônica, sendo considerada uma tipificação do *bullying*⁵.

Outrossim, caracteriza-se o *cyberbullying* por qualquer comportamento repetitivo hostil e agressivo para infringir danos a outra pessoa realizada por meio eletrônico e mídias digitais por indivíduos ou grupos, incorporando modalidades de comportamentos cibernéticos^{6,7}. Diferentes do *bullying*, as agressões podem chegar a qualquer hora, nas 24 horas do dia e durante os sete dias da semana, além de poder ter ampla audiência^{8,9}.

A complexidade dessa violência reside nos aspectos inerentes ao espaço onde ela ocorre, tendo em vista que não existe hora nem local definido para acontecer. A propagação da violência é muito rápida e alcança um número maior de pessoas em um curto intervalo de tempo, além da falsa impressão de impunidade do agressor, o que pode levar a um encorajamento para a sua prática. Além disso, a publicação de apenas um ato agressivo poderá ser repetida com outras pessoas sem que, necessariamente, o agressor esteja envolvido diretamente, o que afetará a vítima diversas vezes^{10,11}.

Pesquisa realizada pela UNICEF com adolescentes e jovens de 13 a 24 anos em 30 países, incluindo o Brasil, demonstrou que um, a cada três (33%) dos participantes, relatou ter sofrido esse tipo de violência virtual em suas interações *on-line*¹². Dados da PeNSE (2019)¹³ demonstram que 13,2% dos escolares se sentiram ameaçados, ofendidos ou humilhados nas redes sociais ou aplicativos de celular nos 30 dias anteriores a pesquisa.

Na dinâmica do *cyberbullying*, destacam-se as modalidades, que são caracterizadas por mensagem de texto via celular; chamada telefônica, *e-mail*; *chat room bullying* através das salas de bate-papos, mensagens instantâneas (*WhatsApp*), *websites*, *sites* pessoais, redes sociais e jogos *on-line*^{14,15,16,17}.

Todavia, as formas estão relacionadas às maneiras como os agressores utilizam para agredir as vítimas, destacando-se *namecalling* (apelidar de modo rude), *fakenames* (fingir ser a outra pessoa e comunicar informações negativas), *sexting* (imagens e vídeos íntimos sem consentimento), imagens e/ou vídeos enviados com intuito de causar dano, *cyberstalking* (comunicações ameaçadoras e repetitivas), roubar senhas, excluir de um grupo *on-line* e espalhar fofocas^{17,18}.

A violência por *cyberbullying*, nesse contexto, repercute na saúde mental causando sintomas depressivos, problemas emocionais, estresse, ansiedade, sensação de medo e angústia, humor negativo, ideação suicida, suicídio, problemas com uso de substâncias psicoativas e problemas para dormir^{19,20}.

Os desafios impostos durante a pandemia da COVID-19, incluindo riscos de saúde física e psicológica, em particular nas crianças e nos adolescentes, mostram um impacto importante no bem-estar dessa população e aumentam o risco da violência em casa e no espaço virtual.

Diante desses aspectos, surgiram as seguintes perguntas de investigação: qual a frequência e distribuição do *cyberbullying* entre adolescentes de escolas públicas de um

município do interior da Bahia? Quais fatores estão associados à ocorrência do *cyberbullying* em adolescentes vítimas relacionados às interações familiares?

Dessa forma, inscreve-se a necessidade de estudos sobre perfil e as formas deste tipo de violência, a fim de subsidiar ações de prevenção e intervenção. Este artigo busca descrever o perfil sociodemográfico de adolescentes, estudantes de escolas públicas de um município do interior da Bahia, sua ocorrência, principais formas, modalidades e as interações familiares associadas.

MÉTODOS

Estudo de abordagem quantitativa, transversal, exploratório e descritivo, com coleta de dados realizada através de questionários *on-line*.

Amostra

A amostra foi do tipo não probabilística, constituída por 116 adolescentes escolares. Os critérios de inclusão estabelecidos foram os adolescentes matriculados do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental com faixa etária de 10 a 19 anos matriculados regularmente em quatro escolas municipais de Feira de Santana – BA, selecionadas aleatoriamente, os alfabetizados e que referiram ausência de algum déficit que causasse interferência no preenchimento dos questionários. Foram excluídos da pesquisa os adolescentes que referiram não ter acesso à *internet*, além daqueles que os pais não preencheram o formulário *on-line* do TCLE, os que preencheram referindo ser de outra escola diferente daquelas que compõem a amostra e os que deixaram questionários incompletos.

Procedimento de Coleta de Dados e Análise Estatística

A coleta de dados teve início em dezembro de 2020 através de questionários *on-line*. Os questionários virtuais surgem a partir do crescente uso da *internet* como um método alternativo de buscar respostas para pesquisas científicas além das vantagens na sua utilização como baixo custo e comodidade²¹. Essa forma de coleta, também, foi utilizada devido ao período de pandemia e isolamento social com o fechamento das escolas municipais.

Nesse contexto, foi mantido contato prévio com os diretores das escolas para envio dos formulários e do *link* do *Google Forms*, com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais através dos grupos de *WhatsApp*. Quando não existia a possibilidade desse envio, foi realizado contato telefônico e enviado, individualmente, para cada responsável o *link* do TCLE. Após o recebimento das autorizações, foi enviado *link* do *Google Forms* com o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), a escala e o questionário em *link* único para os alunos preencherem.

A técnica da coleta de dados foi realizada com dois instrumentos: as Escalas de Qualidade na Interação Familiar (EQIF), adaptada de Weber, Salvador e Brandesburg²² e o Instrumento para coleta de dados sobre *cyberbullying*, adaptado de Nobre⁹, ambos transformados em formulários *on-line* através do *Google Forms*.

Na análise estatística, foram utilizados os modelos de regressão *Poisson* e binomial negativo para analisar o comportamento em relação às variáveis explicativas de determinada variável desfecho, que se apresenta na forma quantitativa, com dados da frequência com que os adolescentes sofreram *cyberbullying*.

Nesse caso, a variável *cyberbullying* segue uma distribuição *Poisson* com média igual à variância dos dados, inerindo-se no contexto dos Modelos Lineares Generalizados (*Generalized Linear Models*). Ao contrário da regressão estimada por meio de métodos de mínimos quadrados, os modelos de regressão para dados de contagem são estimados por

máxima verossimilhança dependendo da distribuição da variável de desfecho, da relação entre sua média e variância e do objetivo do estudo com base na teoria subjacente e na experiência do pesquisador.

Na análise dos dados, foi utilizado o pacote SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 22.0 com procedimentos para modelos lineares generalizados. Estabelecemos, *a priori*, o nível de significância de 5%.

Aspectos Éticos

O projeto foi autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) sob o Parecer nº 3.928.393, com emenda aprovada em 08 de novembro de 2020 (Parecer nº 4.384.753). O TCLE foi enviado de forma *on-line* para os pais ou responsáveis e o TALE foi enviado por contato de *WhatsApp* ou *e-mail* autorizado pelos pais para os adolescentes participantes da pesquisa.

RESULTADOS

Características Sociodemográficas

A amostra foi constituída por 116 adolescentes de quatro escolas públicas de um município do interior da Bahia; destes, 45,7% eram do sexo feminino e 54,3% do sexo masculino, com idade entre 11-19 anos (média $\pm$ desvio padrão da idade: 13,7 $\pm$ 1,5 anos). Os adolescentes estavam matriculados entre o 6º e o 9º ano escolar, sendo que 27,5% são alunos do 6º ano, 37,1% do 7º ano, 14,6% do 8º ano e 17,2% do 9º ano, 3,4% dos adolescentes não relatou o ano escolar. A maioria dos alunos declarou ser de raça/cor parda 48,2%, seguida de 30,1% preta, 14,6% branca e 6,8% compreendidos entre indígenas e amarelos. A média do número de irmãos foi 2 $\pm$ 2 irmãos. A maioria das mães e pais dos adolescentes tem como

máximo Ensino Médio completo (69% e 71,6%, respectivamente). Em relação à coabitação familiar, a maioria coabita com os pais e irmãos (36,2%) (Tabela 1).

Tabela 1 – Características sociodemográficas dos adolescentes escolares da rede municipal de ensino, Feira de Santana – BA, 2021.

<i>Características</i>	<i>Frequência</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Sexo		
Masculino	63	54,3
Feminino	53	45,7
Total	116	100,0
Ano Escolar		
Sexto ano	32	28,6
Sétimo ano	43	38,4
Oitavo ano	17	15,2
Nono ano	20	17,9
Total	112*	100,0
Raça/Cor		
Preta	35	30,2
Parda	56	48,3
Branca	17	14,7
Amarela	6	5,2
Indígena	2	1,7
Total	116	100,0
Coabitação Familiar		
Com os pais	19	16,4
Com os pais e irmãos	42	36,2
Só com a mãe	19	16,4
Só com o pai	5	4,3
Com mãe e irmãos	17	14,7
Outras situações	14	12,1
Total	116	100,0
Escolaridade do Pai		
Não sabe ler nem escrever	5	4,3
Sabe ler e escrever, sem ter frequentado a escola	5	4,3
Ensino Fundamental incompleto	10	8,6
Ensino Fundamental completo	5	4,3
Ensino Médio incompleto	14	12,1
Ensino Médio completo	44	37,9
Ensino Superior	14	12,1
Não sabe	19	16,4
Total	116	100,0
Escolaridade da Mãe		
Não sabe ler nem escrever	2	1,7
Sabe ler e escrever, sem ter frequentado a escola	7	6,0
Ensino Fundamental incompleto	9	7,8
Ensino Fundamental completo	8	6,9
Ensino Médio incompleto	7	6,0
Ensino Médio completo	47	40,5
Ensino Superior	26	22,4
Não sabe	10	8,6
Total	116	100,0

*Total foi 112 pois houve questionários sem resposta neste quesito.

Fonte: elaboração própria.

Ocorrência do Cyberbullying: papéis desempenhados, modalidades e formas

Destaca-se que, em relação aos distintos papéis desempenhados na dinâmica do *cyberbullying*, a maioria relatou ter observado uma ou duas vezes (28,4%) e 10,3% foram vitimizados uma ou duas vezes nos últimos seis meses (Tabela 2).

Tabela 2 – Frequência de *cyberbullying* de acordo com distintos papéis entre os adolescentes escolares da rede pública de ensino, nos últimos seis meses, Feira de Santana – BA, 2021.

<i>Papéis desempenhados no cyberbullying</i>	n	%
<i>Vítimas de cyberbullying</i>		
Uma ou duas vezes	12	10,3
Duas ou três vezes no mês	1	0,9
Todas as semanas	-	-
Todos os dias	-	-
Não	103	88,8
<i>Observou cyberbullying</i>		
Uma ou duas vezes	33	28,4
Duas ou três vezes no mês	6	5,2
Todas as semanas	3	2,6
Todos os dias	7	6,0
Não	67	57,8
<i>Praticou cyberbullying</i>		
Uma ou duas vezes	2	1,7
Duas ou três vezes no mês	1	0,9
Todas as semanas	-	-
Todos os dias	1	0,9
Não	112	96,6
Total	116	100,0

Fonte: elaboração própria.

Na amostra, o percentual de adolescentes que manifestaram sofrer pelo menos uma vez *cyberbullying* foi de 11,2%. No grupo com ocorrência de *cyberbullying* (13 casos), a maioria foi vítima uma ou duas vezes, sendo a maioria (oito casos) do sexo masculino. As modalidades mais frequentes de *cyberbullying* foram via *WhatsApp* (53,8%), redes sociais (38,5%), salas de bate-papo (30,8%), jogos *on-line* (23,1%), *sites* (15,4%), *e-mail* e chamada telefônica (7%). Durante a pandemia, foram registrados três casos de *cyberbullying*.

As formas de *cyberbullying* sofridas pelas vítimas foram apelido maldoso na *internet* (58,3%), fofocas e piadas de alguém pela *internet* (33,3%), fingiu ser alguém para comunicar informações negativas ou inapropriadas com outras pessoas (25%), roubou senhas de aplicativos, redes sociais e/ou *sites* pessoais (16,7%), ameaçou e perseguiu alguém repetida vezes ou excluiu alguém de um grupo online (8,3%).

Em relação à conversa com os pais sobre *cyberbullying*, 27,59% dos adolescentes conversaram sobre o tema e 72,41% nunca conversaram com os pais sobre *cyberbullying*.

Cyberbullying: interações familiares em adolescentes vítimas

As Escalas de Qualidade de Interação Familiar (EQIF) foram categorizadas em alta, média e baixa segundo os percentis 40 e 60 para cada uma das escalas de envolvimento, regras e monitoria, comunicação positiva, modelo parental, comunicação negativa, tanto de mães, pais e outros familiares, e se procuraram associações estatisticamente significantes com *cyberbullying*, empregando o teste qui-quadrado ao nível de significância de 5%, com o objetivo de identificar quais comportamentos familiares se associam com o *cyberbullying*.

A partir dessas análises, verificou-se a associação da escala de comunicação negativa do pai com o *cyberbullying*. Os resultados revelaram que a escala comunicação negativa do pai se encontra associada com o *cyberbullying* ($p < 0,002$), sendo que, nos casos de adolescentes que sofreram *cyberbullying*, o pai costuma, frequentemente, brigar por qualquer coisa, falar alto, descontar neles quando estão com problemas, xingar, falar palavrões ou criticar seus filhos de forma negativa (Tabela 3).

Tabela 3 – Tabela de contingência e Teste de *Omnibus* de comunicação negativa com o pai e vítima *cyberbullying*.

		Cyberbullying				Total (n)
		Sim		Não		
Comunicação negativa com o pai	Alta	10	76,9%	30	29,1%	40
	Media	2	15,3%	17	16,5%	19
	Baixa	1	7,6%	56	54,3%	57
	Total	13	100%	103	100%	116
Teste de <i>Omnibus</i> ^a						
Chi-quadrado da razão de probabilidade			df	Sig.		
18,406			3	0,000		

χ^2 de Pearson 12,774, $p < 0,002$.

^a Para o teste *Omnibus*, foram considerados como variável desfecho: número de vezes que foi vítima de *cyberbullying* nos últimos seis meses e Modelo: (Interceptação), Comunicação negativa com o pai, comunicação positiva com a mãe, comunicação positiva com outros familiares.

A regressão de *Poisson* foi empregada para avaliar a associação da comunicação negativa do pai com o *cyberbullying*, ajustando o modelo pela comunicação positiva da mãe e de outros familiares, e estimar a razão de prevalência.

Nessa amostra, poucas vezes, nos últimos seis meses, os adolescentes perceberam ser vítimas de *cyberbullying* (10,3% uma ou duas vezes e 0,9% três vezes no mês). A maioria diz não ter sofrido episódios de *cyberbullying* (88,79%) (Tabela 2), fato que pode ser indicativo de que a distribuição das vezes que os adolescentes sofreram *cyberbullying* ajusta-se a uma distribuição de *Poisson* como foi mencionado.

Após testar diferentes modelos para explicar a ocorrência do *cyberbullying*, segundo o componente das interações familiares em adolescentes vítimas, o teste de *Omnibus* revela uma associação significativa do modelo, que leva em consideração a comunicação negativa do pai, ajustado pela comunicação positiva da mãe e pela comunicação positiva com outros familiares ($p < 0,000$) (Tabela 3).

Os testes de efeito do modelo indicam que as variáveis fortemente associadas com a ocorrência de *cyberbullying* são a comunicação negativa do pai ($p < 0,001$), sendo que a comunicação positiva com outros familiares ($p < 0,022$) e a comunicação positiva da mãe não

se mostraram estatisticamente associadas ($p = 0,119$). Embora a comunicação positiva da mãe não fosse estatisticamente significativa, manteve-se a variável para ajustar o modelo (Tabela 4).

Tabela 4 – Testes de efeitos de modelo

Fonte	Tipo III		
	Chi-quadrado de Wald	df	Sig.
(Interceptação)	2,911	1	0,088
Comunicação negativa com o pai	11,973	1	0,001
Comunicação positiva com a mãe	2,434	1	0,119
Comunicação positiva com outros familiares	5,249	1	0,022

Variável desfecho: número de vezes em que foi vítima de *cyberbullying* nos últimos seis meses.

Fonte: elaboração própria.

Os coeficientes do modelo revelam uma relação direta entre a comunicação negativa do pai com o número de episódios de *cyberbullying* que os adolescentes sofreram ($\beta = 0,24$). Isso significa que, quanto maior a frequência de comunicação negativa exibida pelo pai, maior é a ocorrência de *cyberbullying* sofrida pelos adolescentes nos últimos seis meses para a amostra estudada.

Os coeficientes da comunicação positiva de mãe e da comunicação positiva com outros familiares foram negativos, indicando uma relação inversa com a ocorrência de *cyberbullying* (Tabela 5). A razão de prevalência da comunicação negativa com o pai foi 1,28 (IC95% 1,11-1,47) estatisticamente significativa ($p < 0,001$) e apresentando-se como um fator de risco na ocorrência do *cyberbullying*.

Tabela 5. Estimativas dos parâmetros do modelo para explicar a ocorrência do *cyberbullying*

Parâmetro			IC de Wald		Teste de hipótese				IC de Wald	
			95%						95% RP	
	B	Erro padrão	LI	LS	Chi-quadrado de Wald	df	Sig.	RP	LI	LS
(Interceptação)	-1,75	1,03	-3,76	0,26	2,91	1	0,088	0,17	0,02	1,30
Comunicação negativa com o pai	0,24	0,07	0,11	0,38	11,97	1	0,001	1,28	1,11	1,47
Comunicação positiva com a mãe	-0,12	0,08	-0,27	0,03	2,43	1	0,119	0,89	0,77	1,03
Comunicação positiva com outros familiares	-0,25	0,11	-0,46	-0,04	5,25	1	0,022	0,78	0,63	0,96
(Escala)	1 ^a									

RP. Razão de prevalência. LI. Limite inferior. LS. Limite superior.

Fonte: elaboração própria.

A comunicação positiva com outros familiares se mostrou como um fator de proteção estatisticamente significativa ($p < 0,022$). A comunicação positiva com a mãe, também, foi apontada como um fator protetor, mas não foi estatisticamente significativa quando ajustado pela comunicação positiva de outros familiares (Tabela 5).

DISCUSSÃO

Os resultados revelaram uma frequência de vitimização por *cyberbullying* de 11,2% na amostra estudada, assim como em outro estudo realizado²³, que analisou o uso de mídia social e *cyberbullying* em 42 países. Nesta pesquisa evidenciou-se estimativas de medianas de prevalência de vitimização baixas, em torno de 11,9% e 13,9% para o sexo masculino e em seguida feminino, no grupo com idade de 13 anos, respectivamente.

No entanto, uma revisão realizada²⁴ demonstrou que existe uma variabilidade de prevalência relacionada às vítimas nos estudos sobre *cyberbullying*. Estudos no Canadá, encontraram uma mediana de prevalência de 23,8%, na China de 23,0% e menores medianas de prevalência na Austrália (5%), Suécia (5,2%) e Alemanha (6,3%). Esses autores, também, encontraram divergências em relação ao período de recordação estudado. Todavia, a maioria dos estudos perguntou sobre a experiência das vítimas no último ano e nos últimos seis meses, sendo que, quando considerados os últimos seis meses, a prevalência de vitimização variou de 1,6% a 56,9%.

A variabilidade das estimativas de prevalência encontradas pode ser explicada, inicialmente, nas limitações quanto ao uso de diferentes métodos ou estratégias de pesquisa e ao uso dos períodos recordatórios, experiência de *cyberbullying* (vítimas, perpetradores ou ambas as vítimas e perpetradores) e instrumentos (escalas ou questões específicas do estudo, que são desenvolvidas por autores)²⁴. Outro dado importante a ser considerado é que, numa

perspectiva de pesquisas qualitativas de adolescentes que vivenciaram o *cyberbullying*, estes agem como se não fossem afetados, minimizando essa prática, transformando-o como algo que pode acontecer com qualquer um e que não seria objeto de vergonha, e considerando que cabe na sociabilidade virtual que não consegue reconstruir a dinâmica das agressões como nocivas, e sim disputas para o reconhecimento das relações de poder entre os adolescentes¹⁸.

A percepção dos adolescentes sobre *cyberbullying* assim como o tempo gasto *on-line*, a conversa *on-line* com pessoas não conhecidas, os fatores sociais, econômicos e culturais, o uso problemático da tecnologia, o acesso à *internet* e a disponibilidade de dispositivos eletrônicos, também, influenciam na ocorrência de *cyberbullying* entre os adolescentes^{23,25,26}.

Em relação ao sexo, os dados da pesquisa revelaram que a maioria dos casos de vítimas ocorreu entre o sexo masculino com oito casos (6,89%). Porém, o presente achado vai de encontro com os estudos que identificam o feminino como mais frequente quanto aos dados relacionados à vitimização^{26,27,28,29,30}. Ressalta-se a importância de mais estudos que abordem essa questão assim como a identificação das formas praticadas para traçar estratégias de prevenção, baseada na educação para igualdade, e não apenas em tratamento psicológico³¹.

Neste sentido, estudos têm demonstrado que os adolescentes se envolvem mais como agressores e/ou vítimas provocadoras e as adolescentes estão mais envolvidas, nas situações *cyberbullying*, como vítimas^{27,32}. No entanto, Bailey³³ observa que esta associação, onde os meninos são os principais agressores frente às situações de *cyberbullying*, não é consensual.

No contexto estudado, levando-se em consideração a realidade brasileira, esta associação da maioria dos agressores serem meninos, precisa superar o discurso sexista que meninos têm maior habilidade tecnológica, por isso adentram mais no universo digital e se estabelecer uma clara discussão do poder masculino e práticas machistas que submetem as mulheres até mesmo nas redes sociais perpetuando a violência de gênero no ambiente online.

Considerando os resultados encontrados, vale salientar a transitoriedade dos papéis desempenhados. Especificamente, os observadores apresentam o potencial de intervir, mas a maioria permanece passiva e pode atuar reforçando a agressão, apoiando os que praticam, defendendo a vítima ou sendo apenas observadores¹⁸. Além disso, no universo digital, a reação da vítima não é visível, o que pode levar à não reação dos que identificam a situação.

Em relação à pandemia ocasionada pela COVID-19, foram registrados três casos. Estudo realizado³⁴ identificou que as percepções dos adolescentes em relação ao *cyberbullying* é de que a frequência se manteve consistente durante esse período, sendo que uma minoria da amostra relatou diminuição ou aumento. Todavia, autores³⁵ identificaram aumento do uso de redes sociais, sendo o *Instagram* a plataforma preferida, e de jogos *on-line* durante esse período.

Referindo-se às formas de praticar o *cyberbullying*, a maioria relatou apelido maldoso na *internet* (*namecalling*) e menos frequente ameaçar e perseguir alguém repetidas vezes (*cyberstalking*) ou excluiu alguém de um grupo *on-line*. Esses dados são contraditórios a outro estudo³⁶, no qual foi identificado que, entre os comportamentos de *cyberbullying*, os mais frequentes foram contar a outras pessoas coisas desagradáveis sobre alguém *on-line* e excluir ou ignorar alguém nas redes sociais, e menos frequentes ter violado a conta de outra pessoa e criar uma conta falsa fingindo ser outra pessoa.

Nesse contexto, também contrário aos achados dessa pesquisa, foram encontrados excluir intencionalmente um colega de classe de grupo *on-line* e espalhar piadas, fofocas ou comentários maldosos na *internet* como mais frequentes³⁷. Entretanto, encontrou-se a perseguição cibernética (o *stalking* ou *cyberstalking*) seguida por postagem de comentários depreciativos³⁵.

Portanto, pode-se atribuir as diferenças encontradas nos estudos à ocorrência de não padronização de instrumentos utilizados além das próprias especificidades de cada país.

Estudo realizado na China, com uma amostra de estudantes universitários na faixa etária dos 15 a 25 anos, identificou que as redes sociais e os jogos *on-line* são os locais mais frequentes para *cyberbullying*, sendo uma atual tendência na prevalência desse tipo de vitimização. Esse achado condiz com o presente estudo, o qual encontrou como modalidades mais frequentes via *WhatsApp* e redes sociais, sendo que os jogos *on-line* configuraram no quarto mais frequente, só perdendo para as salas de bate-papo³⁸.

Outros estudos, corroborando os achados da pesquisa, também, identificaram, que entre os adolescentes, prevalecem as redes sociais como mais frequentes^{39,40}. Ressalta-se que as divergências em relação aos meios utilizados para a prática são relacionadas com a idade, sendo os alunos dos Ensinos Fundamental e Médio os mais propícios a sofrerem por uma variedade de dispositivos tecnológicos, enquanto os escolares mais jovens são pelos jogos *on-line*. Além disso, é notório refletir que os meios mais frequentes são as tecnologias mais usadas no momento³⁹.

Todavia, no que se refere ao *chat room bullying* através das salas de bate-papo, revisão realizada identificou como uma modalidade não mais praticada¹⁷, porém foi identificada como a terceira mais frequente neste estudo.

A necessidade de hiperconectividade na sociedade atual exige dos adolescentes novas formas de relacionamento, tendo em vista que o universo digital e suas redes de conexões mudam a partir da introdução de novas ferramentas, aplicativos e formas de se comunicar dentro desse espaço. Isso influencia novas dinâmicas no *cyberbullying* e a necessidade de análise e teorização particulares na determinação das modalidades mais utilizadas pelos adolescentes.

O uso mais frequente das mídias digitais expõe os adolescentes ao comportamento agressivo na rede. A vitimização por *cyberbullying* tende a aumentar com o crescimento do

uso de serviços de rede social, mensagens de texto e *internet* por meio de *smartphones*, os quais podem atingir níveis particularmente graves durante a adolescência⁴¹.

Em relação à dinâmica das interações familiares, este estudo demonstrou que, quanto maior a frequência de comunicação negativa exibida pelo pai, maior é a ocorrência de *cyberbullying* sofrida pelos adolescentes nos últimos seis meses. Já a comunicação positiva com outros familiares se mostrou como um fator de proteção estatisticamente significativa.

A comunicação negativa é entendida como a falta de controle emocional dos pais a partir da inadequação da linguagem com os filhos (ameaças, xingamentos, humilhações e gritos) e a comunicação positiva é baseada no diálogo construtivo, uma forma não violenta com abertura e disponibilidade para que os filhos se sintam confortáveis em falarem de si para seus pais²².

Concordando com os dados deste estudo, dentre os vários aspectos pesquisados pelos autores Rakic *et al.*²⁹, a prevalência de exposição ao *cyberbullying* foi maior entre escolares em que a família não conversa até que a discordância seja resolvida, cuja família não está preparada para ajudar em decisões ou não está tentando ajudar, ou seja, famílias com pouco diálogo.

Estudos, também, demonstram que a parentalidade negativa, ambiente familiar negativo, frequentar escola com clima negativo e baixo comprometimento escolar estão associados com o aumento do *cyberbullying* em adolescentes. Isso se constitui em atitudes autoritárias, controladoras e de superproteção, baixa qualidade na relação de pais e filhos, além da imposição de regras inconsistente^{26,41}.

Níveis mais baixos de práticas parentais eficazes, como uma baixa percepção parental positiva, foram associados com estar envolvido em *cyberbullying*. O envolvimento dos pais não estava associado ao *cyberbullying*. Por outro lado, o monitoramento deficiente foi

relacionado. As práticas parentais serão influenciadas por circunstâncias familiares, como o número de outras crianças na família, ou se eram famílias de pais solteiros³⁰.

A presente pesquisa revelou que a comunicação positiva com outros familiares e a comunicação positiva com a mãe (não foi estatisticamente significativa) se mostraram como um fator de proteção. Concordando com os dados apresentados, os autores Gómez-Ortiz *et al.*⁴² encontraram afeto e comunicação parental positiva como fatores de proteção para o envolvimento do *cyberbullying* em alunos do Ensino Médio.

O apoio emocional familiar e o controle adequado são eficazes na redução da probabilidade da vitimização *on-line*. Nesse contexto, sugere-se que os pais podem usar a mediação avaliativa e restritiva do uso da *internet* e definir limites apropriados⁴³.

Baixo nível de monitoramento dos pais e sintomas emocionais negativos são fatores de risco para a prática do *cyberbullying* e o uso problemático da *internet*. O monitoramento por parte dos pais desempenha papel relevante tanto por meio do controle da quantidade de tempo gasto pelo adolescente quanto pela solicitação de informações das atividades *on-line* dos filhos, levando-se em consideração que não se trata apenas da dimensão de controle, mas inclui a confiança³⁶.

A supervisão eficaz dos pais e uma boa comunicação perpassam pelo conhecimento sobre *cyberbullying* identificado em estudo⁴⁴, o qual aponta que cerca de metade dos pais participantes relatou ter conhecimento limitado sobre *cyberbullying* e seus riscos. Eles tendem a atribuir a responsabilidade pela supervisão à escola, enquanto os pais que apresentaram escores mais altos de conhecimento apontam para uma corresponsabilidade entre escola e família.

Ressalta-se que, frente à vitimização, existe relutância em conversar com um adulto sobre a situação, tendo em vista que muitos pais não entendem o espaço virtual, o medo de

vivenciarem novos processos de agressão por causa da denúncia e a possibilidade de ficarem de fora da sociabilidade virtual ^{6,18}.

Dessa forma, a complexidade do *cyberbullying* se encontra em um espaço privilegiado para os adolescentes, compreendido como nativos digitais, pois nasceram em meio ao uso difundido das tecnologias e mídias digitais, o que os leva a ter uma habilidade maior com as tecnologias que seus pais^{21,45}.

No entanto, é evidente o fato de que se encontram mais expostos, nesse sentido o olhar para intersectorialidade como uma diretriz para o cuidado integral se faz fundamental para a promoção de saúde dos adolescentes e da cultura da paz nos ambientes de suas sociabilidades como grupos de redes sociais, escolas e amigos.

CONCLUSÃO

O estudo evidenciou a ocorrência na amostra estudada de 11,2% adolescentes que sofreram pelo menos uma vez *cyberbullying*, a maioria masculina, e que a comunicação positiva se torna um fator de proteção para a vitimização do *cyberbullying*. Quanto maior a frequência percebida de comunicação negativa do pai, maior é a ocorrência de *cyberbullying* sofrida pelos adolescentes nos últimos seis meses.

No contexto da pandemia da COVID-19, as medidas de distanciamento e isolamento social possibilitaram uma migração das relações físicas interpessoais para a sociabilidade digital, levando o adolescente à perspectiva de novas formas de agregação, para se sentirem pertencentes a um determinado grupo e dentro do universo digital. Reconhece-se que a necessidade de sociabilidade digital foi a única forma de comunicação, o que pode explicar a não compreensão dessa violência e das repercussões negativas.

Recomenda-se a realização de novos estudos com populações e amostras mais abrangentes, que abordem fatores associados com a prática de *cyberbullying* e a comunicação

e supervisão dos pais, quantidade de tempo que os adolescentes acessam as tecnologias digitais e a *internet*, bem como pesquisas que evidenciem os riscos para a saúde mental, como desenvolvimento de depressão, ideação suicida e isolamento social entre outros comportamentos como o abandono escolar.

Nesta pesquisa, devido à forma de coleta *on-line*, pode-se inferir que a frequência pode ter sido influenciada pelo conceito difundido de *cyberbullying* internalizado pelo adolescente. A aplicação dessa ferramenta *on-line* não possibilitou a sensibilização dos adolescentes frente a abordagens sobre o conceito e a dinâmica do *cyberbullying* entre os adolescentes participantes junto com a escola.

As limitações do estudo transversal foram, também, observadas nessa pesquisa, pois não garante a afirmação de causalidade, assim como uma amostra não probabilística, devido à dificuldade em realizar a coleta em decorrência do período de pandemia e da dificuldade de acesso à *internet* pelos adolescentes e da baixa adesão para responder aos questionários *on-line*.

A realização de estudos longitudinais de acompanhamento dessa violência é necessária em adolescentes escolares e suas repercussões. Deve-se, também, realizar pesquisas metodológicas e de validação de medidas e padronização das escalas dos tipos de violência mais frequentes.

A importância dos resultados encontrados deve ser compreendida no cenário de distanciamento e isolamento social e de baixa sociabilidade. Porém, deve-se atentar que, apesar da baixa frequência do *cyberbullying* nesta amostra, verificam-se frequências maiores da observação dessa violência na rede social.

Nessa perspectiva a presente pesquisa tem como consequência a ampliação desta discussão no cenário nacional, possibilitando estratégias de identificação e medidas de

enfrentamento dessa violência, levando em consideração que o cuidar extrapola o campo específico da saúde.

REFERÊNCIAS

1. Souza C de, Silva DNH. Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *Psicol Estud.* 2018;23:1–12.
2. Silva TO, Silva LTG. Os Impactos Sociais, Cognitivos e Afetivos sobre a Geração de Adolescentes Conectados às Tecnologias Digitais.. *Rev Psicopedag.* 2017;34(103):87–97.
3. Costa LCR, Gonçalves M, Sabino FHO, Oliveira WA de, Carlos DM. Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Interface - Comun Saúde, Educ.* 2021;25(supl 1):1–12.
4. Deslandes SF, Coutinho T. The intensive use of the internet by children and adolescents in the context of COVID-19 and the risks for self-inflicted violence. *Cienc e Saude Coletiva.* 2020;25:2479–86.
5. Caetano AP, Freire I, Veiga Simão AM, Martins MJD, Pessoa MT. Emoções no *cyberbullying*: um estudo com adolescentes portugueses. *Educ e Pesqui.* 2016;42(1):199–212.
6. Tokunaga RS. Following you home from school: a critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. *Comput Human Behav* [Internet]. 2010;26(3):277–87. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>
7. Thomas HJ, Connor JP, Scott JG. Integrating Traditional Bullying and Cyberbullying: Challenges of Definition and Measurement in Adolescents – a Review. *Educ Psychol Rev.* 2015;27(1):135–52.
8. García-Maldonado G, Joffre-Velázquez VM, Martínez-Salazar GJ, Llanes-Castillo A. Ciberbullying: forma virtual de intimidación escolar. *Rev Colomb Psiquiatr.* 2011;40(1):115–30.
9. Nobre, C S. *Violência Interpessoal entre Escolares de Fortaleza: análise situacional de vítimas, agressores e observadores* [Tese]. Salvador: Instituto de Saúde Coletiva (PPGSC-ISC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Bahia, 2018.
10. Boonchooduang N, Louthrenoo O, Charnsil C, Narkpongphun A. Cyberbullying and Emotional-Behavioral Functioning Among Northern Thai Adolescents. *Biomed J Sci Tech Res.* 2019;17(3).
11. Rondina JM, Moura JL, Carvalho RM. Cyberbullying: o complexo bullying da era digital. *Rev Saúde Digit e Tecnol Educ.* 2016;1(1):20–41.
12. UNICEF. United Nations International Children's Emergency Fund [homepage na internet]. Pesquisa do UNICEF: Mais de um terço dos jovens em 30 países relatam ser

- vítimas de *bullying online*. U-Report destaca prevalência do *cyberbullying* e seu impacto nos jovens. 2019. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online>.
13. PeNSE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar: 2019. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 162 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2021..
 14. Suzuki K, Asaga R, Sourander A, Hoven CW, Mandell D. Cyberbullying and adolescent mental health. *Int J Adolesc Med Health*. 2012;24(1):27–35.
 15. Mazari AA. Cyber-bullying taxonomies: Definition, forms, consequences and mitigation strategies. 2013 *5th Int Conf Comput Sci Inf Technol CSIT 2013 - Proc*. 2013;126–33.
 16. Kowalski RM, Giumetti GW, Schroeder AN, Lattanner MR. Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychol Bull*. 2014;140(4):1073–137.
 17. Ferreira TR de SC, Deslandes SF. Cyberbullying: Concepts, dynamics, characters and health implications. *Cienc e Saude Coletiva*. 2018;23(10):3369–79.
 18. Moretti C, Herkovits D. Victims, perpetrators, and bystanders: a meta-ethnography of roles in cyberbullying. *Cad Saude Publica*. 2021;37(4).
 19. Bottino SMB, Bottino CMC, Regina CG, Correia AVL, Ribeiro WS. Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saúde Pública*. 2015;31(3):463–75.
 20. Wendt GW. Associations between cyberbullying victimization and depressive symptoms in early adolescence. *J Bras Psiquiatr*. 2021;70(2):157–61.
 21. Faleiros F, Käßpler C, Ramos Pontes FA, Souza S, Silva DC, Dos F, et al. Uso de Questionário *Online* e Divulgação Virtual como Estratégia de Coleta de Dados em Estudos Científicos. Use of Virtual Questionnaire and Dissemination As a Data Collection Strategy in Scientific Studies. *Artig Orig Texto Context Enferm*. 2016;25(4):3–8.
 22. Weber LND, Salvador, APV, Brandenburg OJ. Escalas de qualidade na interação familiar. In: Weber L, Dessen MA, organizadores. *Pesquisa família instrum. para coleta e análise dados* [Internet]. 2009;57–68. Disponível em: <http://lidiaweber.com.br/Artigos/2009/2009EscaladeQualidadenaInteracaoFamiliar.pdf>
 23. Craig W, Boniel-Nissim M, King N, Walsh SD, Boer M, Donnelly PD, et al. Social Media Use and Cyber-Bullying: A Cross-National Analysis of Young People in 42 Countries. *J Adolesc Heal*. 2020;66(6):S100–8.
 24. Brochado S, Soares S, Fraga S. A Scoping Review on Studies of Cyberbullying Prevalence Among Adolescents. *Trauma, Violence, Abus*. 2017;18(5):523–31.
 25. Gámez-Guadix M, Borrajo E, Almendros C. Risky online behaviors among adolescents: Longitudinal relations among problematic Internet use, cyberbullying

- perpetration, and meeting strangers online. *J Behav Addict*. 2016;5(1):100–7.
26. Guo, S. A meta-analysis of the predictors of cyberbullying perpetration and victimization. *J Adolesc [Internet]*. 2016;53(4):432–53. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18708246%5Cnhttp://doi.wiley.com/10.1002/pits.10092%5Cnhttp://palm.mindmodeling.org/cogsci2010/papers/0051/paper0051.pdf%5Cnhttp://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pits.21681/full%5Cnhttp://www.pubmedcentral.nih.gov/a>
 27. Carvalho M, Branquinho C, Matos M. Bullying, cyberbullying e problemas de comportamento : o género e a idade importam? *Rev Psicol da Criança e do Adolesc*. 2019;10(1):197–205.
 28. Unesco. *School Violence and Bullying: Global Status Report*. 2017. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018
 29. Rakic L, Santric-Milicevic M, Nikolic D, Vasic M, Babic U, Todorovic J, et al. The relationship between individual and family characteristics and cyberbullying exposure in a nationally representative sample of school-aged children living in Serbia. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(14):1–23.
 30. Pascual-Sanchez A, Mateu A, Martinez-Herves M, Hickey N, Kramer T, Nicholls D. How are parenting practices associated with bullying in adolescents? A cross-sectional study. *Child Adolesc Ment Health*. 2021.
 31. Ángel IT, Franco YG, Rodríguez JJ. Cyberbullying and gender: New benchmarks in the occupation of virtual spaces. *Estud Sobre el Mensaje Periodis*. 2018;24(2):1845–59.
 32. Baldry AC, Farrington D, Sorrentino A. “Am I at risk of cyberbullying?” A narrative review and conceptual framework for for research on risk of cyberbullying and cybervictimization: The risk and needs assessment approach. *Agression and Violent Behavior* 2015; 23:36-51.
 33. Bailey G. Cyberbullying: Victimization Through Electronic Means. *Current Issues in Middle Level Education (CIMLE)* 2013; 18(1):1-7.
 34. Lessard LM, Puhl RM. Adolescent academic worries amid COVID-19 and perspectives on pandemic-related changes in teacher and peer relations. *Sch Psychol*. 2021;36(5):285-292.
 35. Jain O, Gupta M, Satam S, Panda S. Has the COVID-19 pandemic affected the susceptibility to cyberbullying in India? *Comput Hum Behav Reports [Internet]*. 2020(August);2:100029. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2020.100029>
 36. Brighi A, Menin D, Skrzypiec G, Guarini A. Young, bullying, and connected. Common pathways to cyberbullying and problematic internet use in adolescence. *Front Psychol*. 2019;10(July):1–14.
 37. Calvete E, Orue I, Estévez A, Villardón L, Padilla P. Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors’ profile. *Comput Human Behav [Internet]*. 2010;26(5):1128–35. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>

38. Huang J, Zhong Z, Zhang H, Li L. Cyberbullying in social media and online games among chinese college students and its associated factors. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(9). doi: 10.3390/ijerph18094819.
39. Whittaker E, Kowalski RM. Cyberbullying Via Social Media. *J Sch Violence*. 2015;14(1):11–29.
40. Kowalski RM, Limber SP, McCord A. A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. *Aggress Violent Behav [Internet]*. 2019;45(2017):20–32. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
41. Kang KI, Kang K, Kim C. Risk factors influencing cyberbullying perpetration among middle school students in korea: Analysis using the zero-inflated negative binomial regression model. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(5):1–13.
42. Gómez-Ortiz O, Del Rey R, Romera EM, Ortega-Ruiz R. Maternal and paternal parenting styles in adolescence and its relationship with resilience, attachment and bullying involvement. *An Psicol*. 2015;31(3):979–89.
43. Mesch GS. Parental mediation, online activities, and cyberbullying. *Cyberpsychology Behav*. 2009;12(4):387–93. doi: 10.1089/cpb.2009.0068
44. Martín-Criado JM, Casas JA, Ortega-Ruiz R. Parental supervision: Predictive variables of positive involvement in cyberbullying prevention. *Int J Environ Res Public Health*. 2021;18(4):1–12. doi: 10.3390/ijerph18041562
45. Wendt GW, Lisboa CSM. Compreendendo o Fenômeno do Cyberbullying. *Temas em Psicol*. 2014;22(1):39–54. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.1-04>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O advento da pandemia do coronavírus trouxe uma intensificação das relações pessoais para o mundo virtual, proporcionando maior exposição dos adolescentes ao *cyberbullying*. Assim, os resultados desta pesquisa devem ser compreendidos em um contexto de isolamento social.

O trabalho de pesquisa com uso de questionários *on-line* se justificou pela necessidade de continuidade do estudo diante do isolamento social, viabilizando uma forma de coletar os dados no próprio cenário onde ocorre a violência por *cyberbullying*. Dessa forma, ressalta-se que os benefícios superaram as dificuldades e desvantagens do uso de questionários *on-line* em decorrência da viabilidade de realização da coleta.

O presente estudo buscou analisar a ocorrência da violência por *cyberbullying* e sua associação com as interações familiares entre adolescentes, tendo como resultados baixa frequência de vitimização por *cyberbullying* na amostra estudada, porém com frequência mais alta para os observadores, assim como a comunicação positiva como um fator de proteção para vitimização do *cyberbullying*. Quanto maior a frequência percebida de comunicação negativa do pai, maior é a ocorrência de *cyberbullying*.

A maioria dos adolescentes nunca conversou com seus pais sobre o assunto sinalizando para a necessidade das interações familiares positivas para atuar como prevenção na ocorrência desse tipo de violência.

As limitações do estudo transversal se aplicam a esta pesquisa, pois não garantem a afirmação de causalidade. A amostra gerada foi não probabilística devido à dificuldade em realizar a coleta durante o período de pandemia e da baixa adesão para responder aos questionários *on-line*. Vale, ainda, salientar a dificuldade de acesso à *internet* pelos adolescentes, respostas repetidas.

Recomenda-se a realização de novos estudos com populações e amostras mais abrangentes, que abordem fatores não contemplados nesta pesquisa, como a supervisão dos pais, a quantidade de tempo que os adolescentes acessam as tecnologias digitais e a *internet*, bem como pesquisas que evidenciem os riscos para a saúde mental associados ao *cyberbullying* e à necessidade de estudos para identificação na perspectiva dos observadores dessa violência.

O estudo se configura na sua importância como meio para a ampliação da discussão no cenário nacional, trazendo a possibilidade de reflexões, que permeiam a saúde e a educação na perspectiva de estreitamento dos laços entre ciência, escola e familiares, oportunizando o

debate e a reflexão para a tomada de decisão no sentido de políticas públicas, que enfatizem a necessidade da proteção de crianças e adolescentes no universo digital.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Diagnóstico participativo das violências nas escolas: falam os jovens.** Rio de Janeiro: FLACSO – Brasil, 2016. 97 p.

ÁLVAREZ-GARCÍA, D. *et al.* The Effect of Parental Control on Cyber-Victimization in Adolescence: The Mediating Role of Impulsivity and High-Risk Behaviors. **Frontiers in Psychology**, v. 10, p. 1-7, May 2019. Disponível em: <<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.01159/full>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

ÁNGEL, I. T.; FRANCO, Y. G.; RODRÍGUEZ, J. J. Cyberbullying and gender: New benchmarks in the occupation of virtual spaces. **Estud Sobre el Mensaje Periodis**. v. 24, n. 2, p. 1845–59, 2018.

BABVEY, P. *et al.* Using social media data for assessing children's exposure to violence during the COVID-19 pandemic. **Child Abuse & Neglect**, 2021. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33358281/>>. Acesso em: 5 out. 2021.

BANDEIRA, H. da S. *Status Online: um estudo de caso coletivo acerca das influências do mundo virtual sobre as habilidades sociais dos adolescentes.* **O portal dos psicólogos**, p. 1-24, 2014. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0821.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

BERGER, K. S. Update on bullying at school: Science forgotten? **Developmental Review**, v. 27, n. 1, p. 90-126, 2007.

BOONCHODUANG, N. *et al.* Cyberbullying and Emotional-Behavioral Functioning Among Northern Thai Adolescents. **Biomed J Sci Tech Res**. v. 17, n. 3, p.1-5, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333338757_Cyberbullying_and_Emotional-Behavioral_Functioning_Among_Northern_Thai_Adolescents Acesso em: 20 ago. 2021.

Bottino, S. M. B. *et al.* Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cad Saúde Pública**. v. 31, n. 3, p. 463–75, mar. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/qhS39M9CVjg6LHJBjSmW9JF/?lang=en> Acesso em: 25 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm>. Acesso em: 30 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying).** Lei 13.185, de 06 de novembro de 2015. Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm#art8>. Acesso em: 25 jun. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 17 jul. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde**. Brasília, 2010. 132 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_atencao_saude_adolescentes_jovens_promocao_saude.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 234 p. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica.pdf>. Acesso em: 30 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **CONEP** – orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. 2021. Disponível em: <<https://cepuefs.wixsite.com/cepuefs/post/orienta%C3%A7%C3%B5es-para-procedimentos-em-pesquisas-comqualquer-etapa-em-ambiente-virtual>>. Acesso em: 5 mar. 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 30 set. 2019.

BRIGHI, A.; MENIN, D.; SKRZYPKIEC, G.; GUARINI, A. Young, bullying, and connected. Common pathways to cyberbullying and problematic internet use in adolescence. **Front Psychol.** v. 10, p. 1–14, 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.01467/full>. Acesso em: 20 ago. 2021.

BRONFENBRENNER, U. A. **Ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BROCHADO, S.; SOARES, S.; FRAGA, S. A Scoping Review on Studies of Cyberbullying Prevalence Among Adolescents. **Trauma, Violence, Abuse.** v. 18, n. 5, p. 523–31, 2017. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27053102/> Acesso em 20 ago. 2021.

CAETANO, A. P. *et al.* Emoções no *Cyberbullying*: um estudo com adolescentes portugueses. **Educ. Pesqui., São Paulo**, v. 42, n. 1, p. 199-212, jan./mar. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/114091/111989>>. Acesso em: 17 set. 2019.

Calvete, E.; *et al.* Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. **Comput Human Behav** [Internet]. v. 26, n. 5, p. 1128–35, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017> Acesso em: 20 ago. 2021.

CÁRDENAS, F. P.; ROJAS-SOLÍS, J. L.; GARCÍA-SÁNCHEZ, P. V. Uso problemático de internet, cyberbullying y ciber-violencia de pareja en jóvenes universitarios. **Revista diversitas – perspectivas en psicología**, v. 14, n. 2, p. 205-219, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/dpp/v14n2/1794-9998-dpp-14-02-205-219.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2019.

CARLOMAGNO, M. C. Conduzindo pesquisas com questionários online: uma introdução às questões metodológicas. In: SILVA, T.; BUCKSTEGGE, J.; ROGED, P. (Org.). **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IPDA, 2018. 400p.

CARRERA, G. O.; LIMA, I. M. S. O.; PAIXÃO, J. da S. Escola, Família e Práticas Restaurativas: abraçar a paz é possível? In: CARVALHO, R. C.; SOUZA, S. L.; SANTOS NETO, P. A. (Org.). **Violência nas Escolas: do diagnóstico à intervenção**. Curitiba: CRV, 2019. 412 p.

CARVALHO, R. C. C. *et al.* Violência no Cotidiano Escolar: trabalhando os dados e as estratégias para a construção de territórios de paz. In: CARVALHO, R. C.; SOUZA, S. L.; SANTOS NETO, P. A. (Org.). **Violência nas Escolas: do diagnóstico à intervenção**. Curitiba: CRV, 2019. 412 p.

CARVALHO, M.; BRANQUINHO, C.; MATOS, M. Bullying, cyberbullying e problemas de comportamento : o gênero e a idade importam? **Rev Psicol da Criança e do Adolesc.** v. 10, n. 1, p. 197–205, 2019.

CEREZO, F. *et al.* Dimensions of parenting styles, social climate, and bullying victims in primary and secondary education. **Psicothema**, v. 30, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=72754594010>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CHANG, Q. *et al.* Cyberbullying and suicide ideation among Hong Kong adolescents: The mitigating effects of life satisfaction with family, classmates and academic results. **Psychiatry Research**, v. 274, p. 269-273, Feb. 2019.

CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. As Teorias da Adolescência. In: CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. A Família. In: CLOUTIER, R.; DRAPEAU, S. **Psicologia da adolescência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

COELHO, P. M. F.; COSTA, M. R. M.; MATTAR NETO, J. A. Saber Digital e suas Urgências: reflexões sobre imigrantes e nativos digitais. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 1077-1094, jul./set. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v43n3/2175-6236-edreal-2175-623674528.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

COSTA, L. C. R. *et al.* Adolescer em meio à pandemia de Covid-19: um olhar da teoria do amadurecimento de Winnicott. **Interface - Comun Saúde, Educ.**, Botucatu, v. 25, n.1, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Wc9nGvBDGcPyrRkpQgkJvKq/> Acesso em: 11 jun. 2021.

CRAIG, W., *et al.* Social Media Use and Cyber-Bullying: A Cross-National Analysis of Young People in 42 Countries. **J Adolesc Heal.** v. 66, n. 6, p. 100–8, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341526465_Social_Media_Use_and_Cyber-Bullying_A_Cross-National_Analysis_of_Young_People_in_42_Countries Acesso em: 20 ago. 2021.

DAHLBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciênc. saúde coletiva [online]**, v. 11, supl., p. 1163-1178, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2006.v11suppl0/1163-1178/pt/>>. Acesso em: 15 jun. 2019.

DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. The intensive use of the internet by children and adolescents in the context of COVID-19 and the risks for self-inflicted violence. **Cienc e Saude Coletiva**, v. 25, n. 1, p. 2479-86, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/56TbmHfDsWJyK6DVJzjcHhp/?lang=en>. Acesso em: 30 jun 2021.

ELGAR, F. J. *et al.* Cyberbullying Victimization and Mental Health in Adolescents and the Moderating Role of Family Dinners. **JAMA Pediatr.**, v. 168, n. 11, p. 1015-1022, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/264540910_Cyberbullying_Victimization_and_Mental_Health_in_Adolescents_and_the_Moderating_Role_of_Family_Dinners>. Acesso em: 15 jun. 2019.

FALEIROS, F. *et al.* Uso de Questionário Online e Divulgação Virtual como Estratégia de Coleta de Dados em Estudos Científicos. **Texto Contexto Enferm**, v. 25, n. 4, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v25n4/pt_0104-0707-tce-25-04-3880014.pdf>. Acesso em: 22 set. 2020.

FEEHAN, D. M.; COBB, C. Using an online sample to estimate the size of an offline population. **Demography**, v. 56, n. 6, p. 2377-92, 2019. doi: 10.1007/s13524-019-00840-z. Acesso em: 11 out. 2021.

FELIX, E. D. *et al.* Getting Precise and Pragmatic About the Assessment of Bullying: the development of the California bullying victimization scale. **Aggressive Behavior**, v. 37, p. 234-247, 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/23887317/Getting_Precise_and_Pragmatic_About_the_Assessment_of_Bullying_The_Development_of_the_California_Bullying_Victimization_Scale>. Acesso em: 18 jul. 2019.

FERREIRA, T. R. S. C.; DESLANDES, S. F. *Cyberbullying*: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v23n10/1413-8123-csc-23-10-3369.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2019.

FONTE, L. **A Influência das Novas Formas de Comunicação no Desenvolvimento Sócio Emocional das Crianças**. 2008. 19 f. Trabalho Final de Pós-graduação – IPAF, Porto, Portugal, 2008. Disponível em: <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0405.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

FREIRE, I. *et al.* Cyberbullying e Ambiente Escolar: Um Estudo Exploratório e Colaborativo entre a Escola e a Universidade. **Revista portuguesa de pedagogia**, v. 47, n. 2, p. 43-54, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/18584155-Cyberbullying-e-ambiente-escolar-um-estudo-exploratorio-e-colaborativo-entre-a-escola-e-a-universidade.html>>. Acesso em: 27 set. 2019.

GÁMEZ-GUADIX, M.; BORRAJO, E.; ALMENDROS, C. Risky online behaviors among adolescents: Longitudinal relations among problematic Internet use, cyberbullying perpetration, and meeting strangers online. **J Behav Addict**. v. 5, n. 1, p. 100–7, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/28092196/> Acesso em: 20 ago. 2021.

GARAIGORDOBIL, M.; MACHIMBARRENA, J. M. Stress, competence, and parental educational styles in victims and aggressors of bullying and cyberbullying. **Psicothema**, v. 29, n. 3, p. 335-340, 2017. Disponível em: <<http://psicothema.com/pdf/4402.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

GARCÍA-MALDONADO, G. *et al.* Cyberbullying: forma virtual de intimidación escolar. **Rev Colomb Psiquiatr**. [online], v. 40, n. 1, p. 115–30, 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-74502011000100010&lng=es&nrm=is&tlng=es. Acesso em: 26 jun. 2021.

GÓMEZ-ORTIZ, O. *et al.* Maternal and paternal parenting styles in adolescence and its relationship with resilience, attachment and bullying involvement. **An Psicol**. v. 31, n. 3, p. 979–89, 2015.

GUO, S. A meta-analysis of the predictors of cyberbullying perpetration and victimization. **J Adolesc**, [Internet]. v. 53, n. 4, p. 432–53, 2016. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/18708246%5Cnhttp://doi.wiley.com/10.1002/pits.10092%5Cnhttp://palm.mindmodeling.org/cogsci2010/papers/0051/paper0051.pdf%5Cnhttp://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/pits.21681/full%5Cnhttp://www.pubmedcentral.nih.gov/a> Acesso em: 14 jul. 2021.

HUANG, J.; ZHONG, Z.; ZHANG, H.; LI, L. Cyberbullying in social media and online games among chinese college students and its associated factors. **Int J Environ Res Public Health**. v. 18, n. 9, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33946441/> Acesso em: 30 ago. 2021.

HONG, J. S. *et al.* Understanding the correlates of face-to-face and cyberbullying victimization among U.S. adolescents: a social-ecological analysis. **Violence and Victims**, v. 31, n. 4, p. 638-663, 2016. Disponível em: <https://strathprints.strath.ac.uk/54136/1/Hong_etal_VAV_2015_Understanding_the_correlates_of_face_to_face_and_cyberbullying_victimisation.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/feira-de-santana/panorama>. Acesso em: 24 out. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD Contínua TIC 2019: internet chega a 82,7% dos domicílios do país**. Abr. 2021. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/30521-pnad-continua-tic-2019-internet-chega-a-82-7-dos-domicilios-do-pais>>. Acesso em: 3 de set. 2021.

JAIN, O.; GUPTA, M.; SATAM, S.; PANDA, S. Has the COVID-19 pandemic affected the susceptibility to cyberbullying in India? **Comput Hum Behav Reports [Internet]**, v. 2, Aug. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.chbr.2020.100029>>. Acesso em 10 set. 2021.

KANG, K. I.; KANG, K.; KIM, C. Risk factors influencing cyberbullying perpetration among middle school students in Korea: Analysis using the zero-inflated negative binomial regression model. **Int J Environ Res Public Health**. v. 15, n. 5, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33668204/> Acesso em: 20 ago. 2021.

KOWALSKI, R. M.; LIMBER, S. P.; MCCORD, A. A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. **Aggress Violent Behav** [Internet]. v. 45, p. 20–32, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009> Acesso em: 5 set. 2021.

KOWALSKI, R.; GIUMETTI, G. W.; SCHROEDER, A. N.; LATTANNER, M. R. Bullying in the Digital Age: A Critical Review and Meta-analysis of Cyberbullying Research Among Youth. **Psychological Bulletin**, v. 40, n. 4, p. 1073–1173, Feb. 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/260151324_Bullying_in_the_Digital_Age_A_Critical_Review_and_Meta-Analysis_of_Cyberbullying_Research_Among_Youth>. Acesso em: 25 jun. 2020.

KRUG, E. G. *et al.* **World report on violence and health**. Geneva: World Health Organization, 2002.

LESSARD, L. M.; PUHL, R. M. Adolescent academic worries amid COVID-19 and perspectives on pandemic-related changes in teacher and peer relations. **Sch Psychol**. v. 36, n. 5, p. 285–292, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34292037/> Acesso em: 3 set. 2021.

LISBOA, C.; EBERT, G. Violência na escola: reflexão sobre as causas e propostas de ações preventivas e focais. In: HABIGZANG, L. F. *et al.* (Org.). **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática**. Porto Alegre: Artmed, 2012. Cap. 14, p. 190–202.

MARTÍN-CRIADO, J. M.; CASAS, J. A.; ORTEGA-RUIZ, R. Parental supervision: Predictive variables of positive involvement in cyberbullying prevention. **Int J Environ Res Public Health**. v. 18, n. 4, p. 1–12, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33562183/> Acesso em: 15 ago. 2021.

MAZARI, A. A. *Cyber-Bullying Taxonomies: Definition, Forms, Consequences and Mitigation Strategies*. **5th International Conference on Computer Science and Information Technology (CSIT)**. 2013. ISBN: 978-1-4673-5825-5. Disponível em: <<https://ieeexplore.ieee.org/document/6588770>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MESCH, G. S. Parental mediation, online activities, and cyberbullying. **Cyberpsychology Behav**. v. 12, n. 4, p. 387–93, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19630583/> Acesso em: 10 ago. 2021.

MORETTI, C.; HERKOVITS, D. Victims, perpetrators, and bystanders: a meta-ethnography of roles in cyberbullying. **Cad Saude Publica**. v. 37, n. 4, abril, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/5tqGgm7fGVs8xDsKqmW9v7r/?lang=en> Acesso em: 25 ago. 2021.

NOBRE, C. S. **Violência Interpessoal entre Escolares de Fortaleza: análise situacional de vítimas, agressores e observadores**. 2018. 226 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) –

Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

OLIVEIRA, W. A. **Relações entre *Bullying* na adolescência e interações familiares: do singular ao plural.** 2017. 160 f. Tese (Doutorado em Enfermagem Saúde Pública) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

OLIVEIRA, W. A. *et al.* Revisão Sistemática sobre *Bullying* e Família: uma análise a partir dos sistemas bioecológicos. **Rev. Salud Pública.**, v. 20, n. 3, p. 396-403, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.org.co/pdf/rsap/v20n3/0124-0064-rsap-20-03-396.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2019.

OLIVEIROS, M. *et al.* Cyberbullying – Nueva tecnología electrónica al servicio del acoso escolar en alumnos de dos distritos de Lima, Perú. **An. Fac. Med.** v. 73, n. 1, p. 13-18, 2012. Disponível em: <<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/anales/article/view/804>>. Acesso em: 19 nov. 2019.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo: a agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

PASCUAL-SANCHEZ, A., *et al.* How are parenting practices associated with bullying in adolescents? A cross-sectional study. **Child Adolesc Ment Health.** 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34060215/> Acesso em: 15 jul. 2021.

PATIAS, N. D.; SILVA, D. G.; DELL'AGLIO, D. D. Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos: relações com a saúde mental. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 205-218, mar. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v24n1/v24n1a10.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2019.

PeNSE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar:** 2015. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 132 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

PEREIRA, M. G. **Epidemiologia:** teoria e prática. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PETERMAN *et al.* Pandemics and Violence against Women and Children. **Center for Global Development**, Apr. 2020. Disponível em: <<https://www.cgdev.org/publication/pandemics-and-violence-against-women-and-children>>. Acesso em: 20 set. 2021.

PNAD. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** síntese de indicadores 2015. IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. 108 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

RAKIC, L., *et al.* The relationship between individual and family characteristics and cyberbullying exposure in a nationally representative sample of school-aged children living in Serbia. **Int J Environ Res Public Health.** v. 18, n. 14, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/14/7443> Acesso em: 15 ago. 2021.

REDONDO, J. *et al.* Impacto Psicológico el Ciberbullying em Estudantes Universitários: un estudio exploratório. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, v. 8, n. 2, p. 458-478, 2017. Disponível em: <<http://www.funlam.edu.co/revistas/index.php/RCCS/article/view/2061>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

RODRIGUES, T. C.; TELES, L. F. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 254, p. 17-38, jan./abr. 2019. doi: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3456> Acesso em: 29 set. 2021.

RONDINA, J. M.; MOURA, J. L.; CARVALHO, R. M. Cyberbullying: o Complexo Bullying da era Digital. **Rev Saúde Digit e Tecnol Educ.**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 20-41, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/resdite/article/view/4682> Acesso em: 10 ago. 2021.

SANTANA, R. S. *et al.* Violência Física na Escola e Estratégias de Construção da Paz. In: CARVALHO, R. C.; SOUZA, S. L.; SANTOS NETO, P. A. (Org.). **Violência nas Escolas: do diagnóstico à intervenção**. Curitiba: CRV, 2019. 412 p.

SANTOS, L. C. S.; FARO, A. *Bullying* entre Adolescentes em Sergipe: estudo na capital e interior do Estado. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 22, n. 3, p. 485-492, set./dez. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v22n3/2175-3539-pee-22-03-485.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v15n3/24603.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

SCHREIBER, F. C. C.; ANTUNES, M. C. *Cyberbullying*: do virtual ao psicológico. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v35n88/v35n88a08.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

SILVA, T. O.; SILVA, L. T. G. Os Impactos Sociais, Cognitivos e Afetivos sobre a Geração de Adolescentes Conectados às Tecnologias Digitais. **Revista Psicopedagogia**, v. 34, n. 103, p. 87-97, 2017. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v34n103/09.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2019.

SILVANY NETO, A. M. **Bioestatística sem Segredos**. Salvador, 2008. 321 p.

STASIAK, G. R.; WEBER, L. N. D.; TUCUNDUVA, C. Qualidade na Interação Familiar e Estresse Parental e suas Relações com o Autoconceito, Habilidades Sociais e Problemas de Comportamento dos Filhos. **Psico**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 494-501, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/15846/12476>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

SUZUKI, K. *et al.* Cyberbullying and Adolescent Mental Health. **International Journal Adolescent Medicine and Health**, v. 24, n. 1, p. 27-35, 2012. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274722827_Cyberbullying_and_adolescent_mental_health_Systematic_review>. Acesso em: 25 jun. 2020.

SZWARCWALD, C. L. *et al.* ConVid – Pesquisa de Comportamentos pela Internet durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: concepção e metodologia de aplicação. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 3, 2021. doi: 10.1590/0102-311X00268320 Acesso em: 10 out. 2021.

TOKUNAGA, R.S. Following you home from school: a critical review and synthesis of research on cyberbullying victimization. **Comput Human Behav** [Internet], v. 26, n. 3, p. 277–87, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2009.11.014>. Acesso em: 04 de set. 2021.

THOMAS, H. J.; CONNOR, J. P.; SCOTT, J. G. Integrating Traditional Bullying and Cyberbullying: Challenges of Definition and Measurement in Adolescents – a Review. **Educ Psychol Rev.**, v. 27, n. 1, p. 135–52, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271710699_Integrating_Traditional_Bullying_and_Cyberbullying_Challenges_of_Definition_and_Measurement_in_Adolescents_-_a_Review. Acesso em: 12 jul. 2021.

UNESCO. **School Violence and Bullying Global Status Report**. Jan. 2017. 56 p. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0024/002469/246970e.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

UNICEF. United Nations International Children's Emergency Fund [homepage na internet]. **Pesquisa do UNICEF: Mais de um terço dos jovens em 30 países relatam ser vítimas de bullying online. U-Report destaca prevalência do cyberbullying e seu impacto nos jovens. 2019.** Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online>

VIVEIRO, C. *et al.* Os adolescentes e a internet: padrões de (ab)uso. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 7-18, abr./jun. 2014. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v11n2a02.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

WACHELKE, J. *et al.* Caracterização e Avaliação de um Procedimento de Coleta de Dados Online (CORP). **Avaliação Psicológica**, n. 12, v. 1, p. 143-146, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712014000100017>. Acesso em: 30 set. 2021.

WEBER, L. N. D. *et al.* Construção e Confiabilidade das Escalas de Qualidade na Interação Familiar. **Psicol. Argum.**, v. 26, n. 52, p. 55-65, jan./mar. 2008. Disponível em: <http://www.nac.ufpr.br/wp-content/uploads/2016/07/2008_Confiabilidade_EQUIF_Psicologia_Argumento.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

WEBER, L. N. D.; SALVADOR, A. P. V.; BRANDENBURG, O. J. Escalas de Qualidade na Interação Familiar–EQIF. In: WEBER, L. N. D.; DESSEN, M. A. (Org.). **Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados**. Curitiba: Juruá, 2009. p. 57-68.

WENDT, G. W. Associations between cyberbullying victimization and depressive symptoms in early adolescence. **J Bras Psiquiatr.** v. 70, n. 2, p. 157–61, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/wM97xHGbzKfnd96Vbzh58fd/abstract/?lang=en> Acesso em 26 ago. 2021.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 73-87, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pc/v25n1/05.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

WENDT, G. W.; LISBOA, C. S. M. Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 39-54, abr. 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v22n1/v22n1a04.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

WILLIAMS, L. C. A. *et al.* Efeitos a Longo Prazo de Vitimização na Escola. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 4, n. 2, p. 187-199, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v4n2/v4n2a02.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2019.

WHITTAKER, E.; KOWALSKI, R. M. Cyberbullying Via Social Media. **J Sch Violence.** v. 14, n. 1, p. 11–29, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15388220.2014.949377> Acesso em: 5 ago. 2021.

YUAN, P. *et al.* Using Online Social Media for Recruitment of Human Immunodeficiency Virus-Positive Participants: a Cross-Sectional Survey. **J. Med. Internet Res.**, v. 16, iss. 5, 2014. Disponível em: <<https://www.jmir.org/2014/5/e117/PDF>>. Acesso em: 5 out. 2021.

ZURCHER, J. D. Parenting and Cyberbullying Across Adolescence. **Cyberpsychology, behavior, and social networking**, v. 21, n. 5, nov. 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325175946_Parenting_and_Cyberbullying_Across_Adolescence>. Acesso em: 27 nov. 2019.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScxFi4HJmJw33831_h6sMqPPC9gBdLzB-E7DQPt-B3_UvXnbQ/viewform?vc=0)

Nós, Rosely Cabral de Carvalho, professora doutora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), e Luzimara Gomes Melo, estudante do Mestrado Acadêmico em Saúde Coletiva dessa mesma instituição, pedimos sua autorização para abordar e convidar o menor sob sua responsabilidade para participar da pesquisa **“CYBERBULLYING E DINÂMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS”**, que tem como objetivo principal analisar e compreender o perfil de frequência e distribuição da violência por *cyberbullying* e sua associação com as interações familiares entre adolescentes das escolas públicas de Feira de Santana. Caso você concorde em participar da pesquisa, serão enviados questionários *on-line*. Os questionários serão arquivados durante um período de cinco anos sob responsabilidade das pesquisadoras. Você tem o direito de acessar informações sobre a participação do(a) seu(sua) filho(a) e sobre a pesquisa durante todo esse período bem como de solicitar a retirada dele, sem nenhum dano ou prejuízo, a qualquer momento. Também, tem o direito de buscar indenização, de ressarcimento e de receber assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário caso ocorram danos causados pela pesquisa. Será garantido o sigilo das informações reveladas, bem como a privacidade do(a) seu(sua) filho(a), sendo os resultados utilizados apenas na elaboração da pesquisa e divulgação em revistas e eventos, mas em nenhum momento ele(a) será identificado(a) e manteremos anonimato nas divulgações dos resultados. Após os cinco anos, os arquivos serão destruídos. As pesquisadoras e os(as) entrevistados(as) não serão remunerados(as) pela participação neste estudo. As despesas com a pesquisa serão de responsabilidade das pesquisadoras. Os benefícios desta pesquisa se referem à contribuição para proporcionar maior clareza em relação ao *cyberbullying*, melhorar as práticas de enfrentamento dessa violência, aumentar o conhecimento científico para a área de saúde e da educação, além de promover a ampliação da discussão no município e nacionalmente. Os possíveis riscos se relacionam com o constrangimento, desconforto e ansiedade ao relembrar questões sobre a violência sofrida e/ou praticada e o tempo disponibilizado para a coleta. Você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável através do telefone (75)3161-8167 ou se dirigir até o Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Vulnerabilidade em Saúde (NIEVS), localizada no prédio de Pós-graduação em Saúde Coletiva, no *Campus* Universitário, na Av. Transnordestina, s/nº, Novo Horizonte, Feira de Santana – BA, caso tenha necessidade de esclarecimentos sobre a participação de seu(sua) filho(a). Também, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da UEFS, órgão responsável pela avaliação de protocolos e emissão de parecer para liberação de pesquisas, localizado nessa mesma instituição, no Módulo I, MA 17, Tel.: (75)3161-8124, *e-mail*: cep@uefs.br, aberto de segunda-feira à sexta-feira, de 13h30 às 17h30. Se concordar com a participação, você poderá assinar este Termo. Ressaltamos que, ao término da pesquisa, será encaminhada uma cópia para a Secretaria de Educação do Município e apresentaremos os resultados na reunião de pais e professoras da instituição onde seu(sua) filho(a) estuda atualmente. Desde já, agradecemos a sua colaboração.

Feira de Santana, ____ de ____ de 2020.

Nome completo do(a) adolescente: _____

Assinatura do(a) responsável

Profa. Dra. Rosely Cabral de Carvalho
(Pesquisadora responsável)

Luzimara Gomes Melo
(Pesquisadora responsável)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO

APÊNDICE B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

(<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe4O4d65ztwvxDDZWQvcB2TwJOxjmTjgmitqMi9ORRk7LG5bA/viewform?vc=0>)

Instrumento de coleta de dados sobre *cyberbullying*

Olá! Sou Luzimara Gomes, estudante do Mestrado em Saúde Coletiva da UEFS. Estou convidando(a) você para participar da pesquisa sobre “*CYBERBULLYING* E DINÂMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS”. Se você concordar em participar, precisará assinar o Termo seguinte. Então, leia-o, aperte o concordo e siga os próximos passos. Só levará, mais ou menos, 20 minutinhos para responder aos dois questionários. Desde já, agradeço a colaboração!

#cyberbullying #relaçãofamiliar #escola #ajudenapesquisa #UEFS #NIEVS #culturadepaz

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa e seus pais ou responsáveis permitiram que você participe. Você tem plena liberdade para decidir se quer ou não participar bem como retirar sua participação a qualquer momento. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa. Não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. O seu relato ajudará a compreender o *cyberbullying* e o relacionamento familiar dos adolescentes, possibilitando o desenvolvimento de propostas para ações de prevenção com a escola, a saúde e os familiares. É possível ocorrer algum desconforto, constrangimento e/ou ansiedade devido a lembranças ao responder às perguntas relacionadas ao tema *cyberbullying* e interações familiares. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo tel.: (75)3161-8167 ou pedir aos seus pais para entrarem em contato conosco. Os resultados desta pesquisa serão divulgados através de uma cópia à Secretaria Municipal de Educação, em reuniões de pais e professores, e de artigos científicos, congressos e dissertação/tese.

Feira de Santana, ____ de _____ de 2020.

Assinatura do participante

ANEXOS

ANEXO A – Escala de Qualidade na Interação Familiar (EQIF) – Adaptada de Weber, Salvador e Brandesburg, 2009)

<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe4O4d65ztwvxDDZWQvcB2TwJOxjmTjgmitqMi9ORRk7LG5bA/viewform?vc=0>*

Responda às seguintes questões sobre o seu pai e sobre a sua mãe (ou sobre as pessoas por quem foi educado, por exemplo: madrasta, padrasto, avô, avó, tio, tia e outros na opção “outra pessoa”). Pedimos que você responda sinceramente sem deixar nenhuma em branco. Não existem respostas certas ou erradas! Ninguém mais, além dos pesquisadores, saberá as suas respostas.

Numere de 1 a 5, de acordo com a seguinte notação: (1)= Nunca; (2)= Quase nunca; (3)= Às vezes; (4)= Quase sempre; e(5)= Sempre.

N	PERCEPÇÃO DOS COMPORTAMENTOS DOS PAIS	PAI	MÃE	OUTRA PESSOA
1.	Meus pais costumam dizer o quanto eu sou importante para eles?			
2.	Meus pais brigam comigo por qualquer coisa?			
3.	Eu costumo contar as coisas boas que me acontecem para meu pai / minha mãe?			
4.	Meus pais costumam falar alto ou gritar comigo?			
5.	O que meus pais me ensinam de bom eles também fazem?			
6.	Meus pais ficam felizes quando estão comigo?			
7.	Meus pais costumam descontentar em mim quando estão com problemas?			
8.	Eu costumo contar as coisas ruins que me acontecem para meu pai / minha mãe?			
9.	Meus pais costumam me xingar ou falar palavrões para mim?			
10.	Meus pais também fazem as obrigações que me ensinam?			
11.	Meus pais procuram saber o que aconteceu comigo quando estou triste?			
12.	Meus pais sabem onde eu estou quando não estou em casa?			
13.	Quando ajudo meus pais, eles me agradecem?			
14.	Eu costumo falar sobre meus sentimentos para meu pai / minha mãe?			
15.	Eu acho legais as coisas que meus pais fazem?			
16.	Meus pais costumam mostrar que se preocupam comigo?			
17.	Meus pais demonstram orgulho de mim?			
18.	Meus pais sabem o que eu faço com o meu tempo livre?			
19.	Meus pais costumam me fazer carinho quando eu me comporto bem?			
20.	Meus pais costumam me criticar de forma negativa?			
21.	Meus pais costumam me dar beijos, abraços ou outros carinhos?			
22.	Meus pais costumam me dar conselhos?			
23.	Meus pais pedem para eu dizer para onde eu estou indo?			

Este espaço é para você escrever o que quiser sobre seus pais!

*Formato da escala foi adaptada para o formulário *Google Forms*.

ANEXO B – Instrumento de Coleta de Dados sobre *Cyberbullying* – Adaptado de Nobre (2018)

(<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSe4O4d65ztwvxDDZWQvcB2TwJOxjmTjgmitqMi9ORRk7LG5bA/viewform?vc=0>)

CYBERBULLYING → constitui atos de violência que acontecem no espaço virtual, através do uso da tecnologia de comunicação e informação, com a intenção de causar dano à outra pessoa de modo repetitivo (FREIRE *et al.*, 2013; WENDT; LISBOA, 2014; NOBRE, 2018; FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Escola: _____

1. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS

1.1 Ano escolar: _____

1.2 Qual sua idade? _____

1.3. Sexo:

- (1) Feminino
- (2) Masculino

1.4 Você se considera?

- (1) Negro(a)
- (2) Pardo(a)
- (3) Branco(a)
- (4) Amarelo(a)
- (5) Índigena

2. CARACTERÍSTICAS FAMILIARES

2.1 Qual o nível de escolaridade do seu pai?

- (1) Não sabe ler nem escrever
- (2) Sabe ler e escrever, sem ter frequentado a escola
- (3) Ensino Fundamental incompleto
- (4) Ensino Fundamental completo (fez até o 5º ano)
- (5) Ensino Médio incompleto
- (6) Ensino Médio completo (terminou o colégio)
- (7) Ensino Superior (fez faculdade)
- (8) Não sabe

2.2 Qual o nível de escolaridade da sua mãe?

- (1) Não sabe ler nem escrever
- (2) Sabe ler e escrever sem ter frequentado a escola
- (3) Ensino Fundamental incompleto
- (4) Ensino Fundamental completo (fez até 5º ano)
- (5) Ensino Médio incompleto

- (6) Ensino Médio completo (terminou o colégio)
- (7) Ensino Superior (fez faculdade)
- (8) Não sabe

2.3 Quantos irmãos você tem (Não inclua você na contagem)? _____

2.4 Com quem você vive?

- (1) Com os pais
- (2) Com os pais e irmãos
- (3) Só com a mãe
- (4) Só com o pai
- (5) Com mãe e irmãos
- (6) Com pai e irmãos
- (7) Outras situações

2.5 Você já conversou com seus pais sobre o *cyberbullying* (agressão virtual)?

- (1) Sim
- (2) Não

Por favor, responda às perguntas a seguir pensando no que aconteceu durante os últimos seis meses:

3. SOBRE SER VÍTIMA DO CYBERBULLYING

3.1 Você já foi ameaçada/o ou insultada/o por *cyberbullying*?

- (1) Não
- (2) Uma ou duas vezes
- (3) Duas ou três vezes no mês
- (4) Todas as semanas
- (5) Todos os dias

Se sua resposta for NÃO, vá para o item 4 sobre ver algum tipo de agressão virtual.

Se sua resposta for SIM, descreva um pouco essa experiência.

3.2 Que meio/modalidades utilizou(aram) com mais frequência? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Mensagem de texto (SMS) via celular
- (2) Chamada telefônica
- (3) *E-mail*
- (4) Salas de bate-papo
- (5) Mensagens instantâneas (*WhatsApp*)
- (6) *Websites* e/ou *sites* pessoais
- (7) Redes Sociais (*Facebook, Instagram, Twitter* etc.)
- (8) Jogos *On-line* (roubou itens do seu jogo, invadiu sua conta)
- (9) Todos os meios/modalidades anteriores
- (10) Caso não tenha sido ameaçada/o ou insultada/o por nenhum dos meios/modalidades anteriores, especifique outro: _____

3.3 Quais formas utilizaram com mais frequência? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Apelido maldoso na *internet* (*namecalling*)
- (2) Fingiu ser você para comunicar informações negativas ou inapropriadas com outras pessoas (*fakenames*)
- (3) Postaram imagens e/ou vídeos íntimos sem o seu consentimento (*sexting*)
- (4) Tiraram fotos ou fizeram vídeos seus e colocaram na *internet* sem você estar de acordo
- (5) Ameaçaram e perseguiram você repetida vezes (*cyberstalking*)
- (6) Roubou senhas suas de aplicativos, redes sociais e/ou *sites* pessoais
- (7) Excluiu você de um grupo *on-line*
- (8) Espalhou fofocas e piadas suas pela *internet*
- (9) Todas as formas anteriores
- (10) Caso não tenha sido ameaçada/o ou insultada/o por nenhum das formas anteriores, especifique outra: _____

3.4 A(s) pessoas(s) que agrediram você virtualmente era(m) (Pode marcar mais de uma resposta)?

- (1) Meninas
- (2) Meninos
- (3) Mais velhos
- (4) Mais novos
- (5) Da mesma idade
- (6) Da sua turma
- (7) De outra turma
- (8) Do mesmo ano de outra turma
- (9) De outro ano
- (10) Não sei sobre a identificação da pessoa

3.5 Você já conversou com algum profissional (psicólogo(a), psicopedagogo(a)) sobre os problemas que você enfrenta ou enfrentou por causa do *cyberbullying* (agressão virtual)?

- (1) Sim
- (2) Não

3.6 Você já conversou com seus pais sobre os problemas que você enfrenta ou enfrentou por causa do *cyberbullying* (agressão virtual)?

- (1) Sim
- (2) Não

3.7 Durante o período em que você estava sem aulas devido à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, você sofreu algum tipo de agressão virtual (*cyberbullying*)?

- (1) Sim
- (2) Não

4. SOBRE VER ALGUM TIPO DE AGRESSÃO VIRTUAL

4.1 Você já viu alguém ser ameaçada/o ou insultada/o por *cyberbullying*?

- (1) Não
- (2) Uma ou duas vezes
- (3) Duas ou três vezes no mês
- (4) Todas as semanas
- (5) Todos os dias

Se sua resposta for NÃO, vá para o item 5 sobre praticar o *cyberbullying*.

4.2 Que meio/modalidades você viu utilizou com mais frequência? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Mensagem de texto (SMS) via celular
- (2) Chamada telefônica
- (3) *E-mail*
- (4) Salas de bate-papo
- (5) Mensagens instantâneas (*WhatsApp*)
- (6) *Websites* e/ou *sites* pessoais
- (7) Redes Sociais (*Facebook, Instagram, Twitter* etc.)
- (8) Jogos *On-line* (roubou itens do jogo, invadiu a conta do(a) colega)
- (9) Todos os meios/modalidades anteriores
- (10) Caso não tenha visto ameaça ou insulto por nenhum dos meios/modalidades anteriores, especifique outro: _____

4.3 Quais formas você viu utilizou com mais frequência? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Apelido maldoso na *internet* (*namecalling*)
- (2) Fingiu ser alguém para comunicar informações negativas ou inapropriadas com outras pessoas (*fakenames*)
- (3) Postaram imagens e/ou vídeos íntimos de alguém sem o consentimento (*sexting*)
- (4) Tiraram fotos ou fizeram vídeos de alguém e colocaram na *internet* sem a pessoa estar de acordo
- (5) Ameaçaram e perseguiram alguém repetida vezes (*cyberstalking*)
- (6) Roubou senhas de aplicativos, redes sociais e/ou *sites* pessoais
- (7) Excluiu alguém de um grupo *on-line*
- (8) Espalhou fofocas e piadas de alguém pela *internet*
- (9) Todas as formas anteriores
- (10) Caso não tenha visto ameaça ou insulto por nenhum das formas anteriores, especifique outra: _____

4.4 Durante o período em que você estava sem aulas devido à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, você viu algum tipo de agressão virtual (*cyberbullying*)?

- (1) Sim
- (2) Não

Se SIM, descreva um pouco sobre o que você viu _____

5. SOBRE PRATICAR O CYBERBULLYING

5.1 Você já ameaçou ou insultou virtualmente algum dos seus colegas?

- (1) Não
- (2) Uma ou duas vezes
- (3) Duas ou três vezes no mês
- (4) Todas as semanas
- (5) Todos os dias

Se sua resposta for NÃO, você não precisa continuar respondendo às questões.

5.2 Que meio/modalidades você utilizou? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Mensagem de texto (SMS) via celular

- (2) Chamada telefônica
- (3) *E-mail*
- (4) Salas de bate-papo
- (5) Mensagens instantâneas (*WhatsApp*)
- (6) *Websites* e/ou *sites* pessoais
- (7) Redes Sociais (*Facebook, Instagram, Twitter* etc.)
- (8) Jogos *On-line* (roubou itens do jogo, invadiu a conta do(a) colega que queria atingir)
- (9) Todos os meios/modalidades anteriores
- (10) Caso não tenha ameaçada/o ou insultada/o por nenhum dos meios/modalidades anteriores, especifique outro: _____

5.3 Quais formas você utilizou? (Pode marcar mais de uma resposta)

- (1) Colocou apelido maldoso em alguém na *internet* (*namecalling*)
- (2) Fingiu ser o(a) colega que queria atingir para comunicar informações negativas ou inapropriadas com outras pessoas (*fakenames*)
- (3) Postou imagens e/ou vídeos íntimos do(a) colega que queria atingir sem o consentimento dele (*sexting*)
- (4) Tirou fotos ou fez vídeos do(a) colega que queria atingir e colocou na *internet* sem ele estar de acordo
- (5) Ameaçou e perseguiu o(a) colega que queria atingir repetida vezes (*cyberstalking*)
- (6) Roubou senhas de aplicativos, redes sociais e/ou *sites* pessoais do(a) colega que queria atingir
- (7) Excluiu o(a) colega que queria atingir de um grupo *on-line*
- (8) Espalhou fofocas e piadas do(a) colega que queria atingir pela *internet*
- (9) Todas as formas anteriores
- (10) Caso não tenha ameaçada/o ou insultada/o por nenhum das formas anteriores, especifique outra: _____

5.4 O que você sente pelos(as) colegas aos quais você praticou alguma das atitudes citadas na questão anterior?

- (1) Raiva
- (2) Desprezo
- (3) Pena
- (4) Carinho
- (5) Inveja
- (6) Ciúmes
- (7) Nada
- (8) Outro: _____

5.6 Você foi castigado(a)/punido(a) por causa dessa ou dessa(s) sua(s) atitude(s) e comportamento(s)?

- (1) Sim, na escola
- (2) Sim, em casa
- (3) Sim, na escola e em casa
- (4) Não

5.7 Durante o período em que você estava sem aulas devido à pandemia ocasionada pelo novo coronavírus, você praticou algum tipo de agressão virtual (*cyberbullying*)?

- (1) Sim
- (2) Não

ANEXO C – Instrumento de Coleta de Dados sobre Cyberbullying (adaptado de Nobre, 2018). Formato de Questionário On-line

Instrumento de coleta de dados sobre cyberbullying

Olá! Sou Luzimara Gomes, estudante do Mestrado em Saúde Coletiva da UEFS. Estou convidando(a) você para participar da pesquisa sobre “CYBERBULLYING E DINÂMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS”. Se você concordar em participar precisará assinar o termo seguinte, então leia-o, aperte o concordo e siga os próximos passos, só levará mais ou menos 20 minutinhos para responder dois questionários.

Desde já agradeço a colaboração!



Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA – UEFS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
MESTRADO ACADÊMICO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa e seus pais ou responsáveis permitiram que você participe. Você tem plena liberdade para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. O seu relato ajudará a compreender o *cyberbullying* e o relacionamento familiar dos adolescentes, possibilitando o desenvolvimento de propostas para ações de prevenção com a escola, a saúde e familiares. É possível ocorrer algum desconforto, constrangimento e ansiedade devido a lembranças ao responder perguntas relacionadas ao tema *cyberbullying* e interações familiares. Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelo tel. (75) 3161-8167 ou pedir aos seus pais para entrar em contato conosco. Os resultados desta pesquisa serão divulgados através de uma cópia a Secretaria Municipal de Educação, em reuniões de pais e professores e artigos científicos, congressos e na dissertação/tese.

Deseja

☐ Continuar

☒ Finalizar

CYBERBULLYING ☐ constitui atos de violência que acontece no espaço virtual, através do uso da tecnologia de comunicação e informação, com a intenção de causar dano à outra pessoa de modo repetitivo (FREIRE *et al.*, 2013; WENDT; LISBOA, 2014; NOBRE, 2018; FERREIRA; DESLANDES, 2018).

ANEXO D – Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana (SEDUC)



Feira de Santana, 18 de novembro de 2019.

À
Profa. Dra. Rosely Cabral de Carvalho
Departamento de Saúde – UEFS

Prezada Professora,

A Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana – SEDUC, após análise da pesquisa "Cyberbullying e dinâmica das interações familiares em adolescentes" autoriza a coleta de dados nas seguintes escolas municipais: Escola Municipal Maria Antonia Costa, Centro Integrado de Educação Municipal Joselito Falcão de Amorim e Escola Municipal Otaviano Ferreira Campos, conforme a proposta apresentada.

Informamos ainda que nos colocamos à disposição para o fornecimento das informações necessárias para a realização da pesquisa.

Atenciosamente,


Profª Jozelia Araújo Oliveira
Diretora do Departamento de Ensino
Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana

Feira de Santana, 11 de Março de 2021.

Departamento de Ensino
Profª Jozelia Araújo Oliveira

A/C: Profa. Dra. Rosely Cabral de Carvalho
Departamento de Saúde – UEFS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

Prezada Professora,

A Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana – SEDUC, após análise da pesquisa “Cyberbullying e dinâmica das interações familiares em adolescentes” autoriza a coleta de dados da mestranda **LUZIMARA GOMES MELO** na: Escola Monsenhor Mário Pessoa e Centro de Educação Básica da UEFS, a partir de Março/2021, conforme a proposta apresentada.

Atenciosamente,

Profª Jozelia Araujo Oliveira
Diretora do Departamento de Ensino

ANEXO E – Parecer Consubstanciado do CEP

 	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - UEFS	
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP		

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS

Pesquisador: LUZIMARA GOMES MELO

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 26298219.6.0000.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Universidade Estadual de Feira de Santana

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.602.456

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma emenda do projeto de pesquisa "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS" CAAE: 26298219.6.0000.0053, que tem como pesquisadora responsável Luzimara Gomes Melo. Este projeto foi aprovado pelo CEP/UEFS em 23 de março de 2020 (sob o parecer n.º 3.928.393), com emenda aprovada em 08 de novembro de 2020 (sob o parecer n.º 4.384.753).

A pesquisadora solicita inclusão de duas unidades de ensino como locais de pesquisa, bem como a alteração do título do projeto.

Objetivo da Pesquisa:

PRIMÁRIO: "Analisar e compreender o perfil de frequência e distribuição da violência por cyberbullying e sua associação com as interações familiares entre adolescentes das escolas públicas de um município do interior da Bahia" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

SECUNDÁRIOS: "Descrever o perfil dos adolescentes em situação de violência por cyberbullying com características sociodemográficas, as formas e os meios mais utilizados para esse tipo de violência; Estimar a prevalência da violência por cyberbullying, distinguindo as posições de vítimas e agressores; Identificar os fatores de risco e proteção associados as interações familiares e a

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS	
Bairro: Módulo I, MA 17	CEP: 44.031-460
UF: BA	Município: FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124	E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 4.602.456

prática do cyberbullying entre adolescentes das escolas públicas; Compreender as experiências de violência interpessoal pelo cyberbullying e as repercussões na saúde mental dos adolescentes" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: "constrangimento, desconforto e ansiedade ao lembrar questões sobre a violência sofrida e/ou praticada" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

BENEFÍCIOS: "Contribuição em proporcionar maior clareza em relação ao cyberbullying, aumentar o conhecimento científico para a área de saúde e da educação, proporcionar o fomento de políticas públicas e ampliação de discussões a nível nacional em relação ao fenômeno de estudo" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora solicita inclusão de duas unidades de ensino como locais de pesquisa, bem como a alteração do título do projeto com as seguintes justificativas em ofício:

"1. Alteração em vermelho na metodologia no item 4.4 correspondente ao Cálculo da Amostra. Acréscimo na página 29 da tabela 2 referente ao cálculo da amostra com base nas duas escolas acrescentadas ao cálculo, seguido da alteração do texto: "Na primeira etapa da fase de coleta foram coletados 50 questionários nas escolas Maria Antônia da Costa e Otaviano Ferreira Campos, todavia a coleta da escola Joselito Falcão de Amorim foi inviabilizada por não ter atividades online e a diretora não ter disponibilizado os dados telefônicos dos pais para contato. A tabela 2 demonstra o tamanho da amostra a ser coletada nas duas escolas acrescentadas, subtraindo-se o total de questionários coletados anteriormente do tamanho amostral ($215 - 50 = 165 / 258 - 50 = 208$) e procedendo o cálculo da proporção de alunos na amostra de cada escola". Alterações realizadas em vermelho no item 4.4 (páginas 29), no projeto anexado intitulado "PROJETO_ALTERADO2".

2. Alteração em vermelho na preposição "EM" do título para "ENTRE" por questões de correção gramatical". O projeto "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS" passa a se intitular "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados os seguintes documentos:

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br

Continuação do Parecer: 4.602.456

- 1) Anexado projeto separadamente como arquivo intitulado "PROJETO_ALTERADO 2".
- 2) Anexado o Termo de Autorização da Secretaria Municipal de Educação de Feira de Santana para o acréscimo das duas escolas (Escola Monsenhor Mário Pessoa e Centro de Educação Básica da UEFS) na amostra com o arquivo intitulado "Autorizacao_CEBeMONSENHOR_SEDUC".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

EMENDA APROVADA

A EMENDA ao projeto "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS" está aprovada para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16 (CNS).

O projeto "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES EM ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS" passa a se intitular "CYBERBULLYING E DINAMICA DAS INTERAÇÕES FAMILIARES ENTRE ADOLESCENTES DE ESCOLAS PUBLICAS".

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que a EMENDA ao seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e da Res. 510/16. Assim, a emenda ao seu projeto foi Aprovada, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e a Res. 510/10, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_1716175_É2.pdf	11/03/2021 11:50:24		Aceito
Outros	Autorizacao_CEBeMONSENHOR_SEDUC.pdf	11/03/2021 11:46:10	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Outros	OFICIO_APRESENTACAO_JUSTIFICA	11/03/2021	LUZIMARA GOMES	Aceito



Continuação do Parecer: 4.602.456

Outros	VA_EMENDA_ACRESCIMO_ESCOLAS.pdf	11:44:36	MELO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ALTERADO2.pdf	11/03/2021 11:41:28	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TALE.pdf	08/11/2020 09:32:57	Wânia Silveira da Rocha	Aceito
Outros	NOVO_ANEXO_B.pdf	08/11/2020 09:32:40	Wânia Silveira da Rocha	Aceito
Outros	OFICIO_APRESENTACAO_e_JUSTIFICATIVA_DA_EMENDA.pdf	27/09/2020 16:52:13	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Outros	ANEXO_A_e_ANEXO_B.pdf	27/09/2020 16:45:34	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ATUALIZADO.pdf	27/09/2020 16:42:41	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_TALE_ALTERACOES_COLETA_ONLINE.pdf	27/09/2020 16:38:49	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Outros	OficioProjetoPendenciasCEPLUZIMARA.pdf	22/01/2020 15:34:48	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Outros	autorizacaoSEDUC.pdf	22/11/2019 19:22:50	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeaguardandoautorizacaoCEPRoselyCabraldeCarvalho.pdf	22/11/2019 19:19:59	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaodeaguardandoautorizacaoCEPLuzimara.pdf	22/11/2019 19:18:12	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoenviarrelatoriosLUZIMARAEROSELY.pdf	22/11/2019 19:16:31	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	22/11/2019 19:14:11	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoCEP.pdf	22/11/2019 18:07:03	LUZIMARA GOMES MELO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br